

WARLETE CRISTINA DE OLIVEIRA
ILSE LEONE B. C. DE OLIVEIRA
ORGANIZADORAS

MEMÓRIAS DE LEITURA

UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR
DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS



WARLETE CRISTINA DE OLIVEIRA
ILSE LEONE B. C. DE OLIVEIRA
ORGANIZADORAS



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Antonio Almeida

Coordenação da Editora Kelps

Waldecir Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Dr. Angel Marcos Dios (Universidad Salamanca – Espanha)

Prof. Dr. Antonio Donizeti Cruz (UNIOESTE, PR)

Profa. Dra. Bertha Roja Lopez (Universidade Nacional do Peru)

Profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso (UNEB)

Escritor Brasigóis Felício (AGL)

Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC Goiás)

Profa. Dra. Catherine Dumas (Sorbonne Paris 3)

Prof. Dr. Francisco Itami Campos (UniEVANGÉLICA e AGL)

Prof. Dr. Iêdo Oliveira (UFPE)

Profa. Dra. Ivonete Coutinho (Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC Goiás e AGL)

Profa. Dra. Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão

(Universidade Fernando Pessoa. PT)

Escritora Sandra Rosa (AGNL)

Profa. Dra. Simone Gorete Machado (USP)

Escritor Ubirajara Galli (AGL)

Escritor revisor

Prof. Me. Antônio C. M. Lopes

MEMÓRIAS DE LEITURA

UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR DO
ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

Goiânia – Go
Kelps, 2020

Copyright © 2020 by Warlete Cristina de Oliveira; Ilse Leone B. C. de Oliveira (orgs.)

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon- CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616 - Fax: (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br / homepage: www.kelps.com.br

Diagramação: Marcos Diques

diguesdiagramacao.com.br

Capa:

Reprodução da primeira escola da pesquisadora, feita por Igor Amaral Ruiz, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO.

“O presente livro obteve apoio do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio do Edital 004/2019, de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais”.

IP - Brasil - Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1ª Região)3294

M553

Memórias de leitura: um estudo sobre a formação do leitor do ensino fundamental - anos finais. - Warlete Cristina de Oliveira; Ilse Leone B. C. de Oliveira (orgs.). – Goiânia: Kelps, 2020. 126 p.: il.

ISBN:978-65-86148-61-9

1. Literatura brasileira. 2. Educação. 3. Metodologia. I. Título.

CDU: 82:37

DIREITOS RESERVADOS

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19/02/1998, artigo 29 e seus incisos. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônico, mecânico, fotográfico, gravação ou quaisquer outros.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2020

COLABORADORES

Andriel Herculano Mendonça

Beatriz Caetano Sousa

Edilene Vitória Nunes Lima

Francielly Silva Souza

Gabriela Rosa de Oliveira

Gabriel Arcanjo Silva Lima

Keuven Cristian Hito Campos

Lívia Vitória Santiago dos Santos

Maria Rita Araújo Faria

Marcela Vitória Gomes Rodrigues

Osânia Gonçalves do Couto

Pedro Fernandes Pimenta

Pedro Henrique Pereira Andrade



Gratidão a Deus por tudo.

Aos meus pais, Iraci e Adanair, por me ensinarem a trilhar o melhor caminho, da honestidade e dignidade.

Aos meus amados filhos, Carolina, Adanair Neto e Laura, que sempre conseguiram compreender a minha impaciência.

À Bianca que, apenas com seus dois aninhos, descobre e redescobre os caminhos doces da leitura.

Aos meus três irmãos e minha irmã (um já não está entre nós, somente em nossos pensamentos) pela torcida.

Aos professores (as) da Escola Agrícola Comendador João Marchesi de Jussara-GO, pela parceria.

Aos quatorze alunos (as) e à professora Osânia G. do Couto que fizeram parte dessa experiência maravilhosa, obrigada pela paciência e a participação.

À Ilse, muito obrigada pelas orientações.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
PURO ENCANTO	15
DE ONDE VENHO: RECONSTRUINDO E REMEMORANDO	
CAMINHOS QUE TRILHEI	19

I PARTE

RELATOS DE MEMÓRIAS DE LEITURA

CONVITE AO LEITOR	31
-------------------------	----

RELATO 1

O DESEJO DE TER UM LIVRO NAS MÃOS	33
---	----

RELATO 2

A CORUJA DA LEITURA	36
---------------------------	----

RELATO 3

ENCANTOS DA LEITURA.....	38
--------------------------	----

RELATO 4

MEMÓRIAS E AVENTURAS DE LEITURA	42
---------------------------------------	----

RELATO 5

UM CADERNO E MUITAS LEMBRANÇAS	45
--------------------------------------	----

RELATO 6

A MAGIA DA LEITURA.....	49
-------------------------	----

RELATO 7

LEMBRANÇAS DE LEITURA	52
-----------------------------	----

RELATO 8

MEMÓRIAS DE PEDRO.....	55
------------------------	----

RELATO 9

UMA HISTÓRIA DE LEITURA	59
-------------------------------	----

RELATO 10

DOCES LEMBRANÇAS DE LEITURA	62
-----------------------------------	----

RELATO 11

HISTÓRIA DE LEITURA: ENCANTOS E DESENCANTOS	65
---	----

RELATO 12

RECORDAÇÕES	68
-------------------	----

RELATO 13

INSPIRAÇÃO.....	72
-----------------	----

II PARTE**APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA****PRIMEIRA ETAPA**

REMEMORANDO	83
-------------------	----

1. Introdução ao gênero - Apresentação da situação.....	83
---	----

2. Percurso da pesquisa	84
-------------------------------	----

3. Indícios do passado	86
------------------------------	----

Estrutura da Sequência Didática	89
---------------------------------------	----

1ª Momento	90
------------------	----

2º Momento	92
------------------	----

3º Momento	93
------------------	----

4º Momento	95
------------------	----

SEGUNDA ETAPA

MARCAS TEMPORAIS – LEITOR/A CRIANÇA/ESCOLAR/AUTÔNOMO	96
--	----

1º Momento	97
------------------	----

2º Momento	98
------------------	----

3º Momento	100
------------------	-----

TERCEIRA ETAPA

DESVENDANDO OS TEXTOS DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS.....	103
--	-----

1º Momento	103
------------------	-----

2º Momento	109
------------------	-----

QUARTA ETAPA

ENTRELAÇANDO OS FIOS DA MEMÓRIA.....	111
--------------------------------------	-----

1º Momento	111
------------------	-----

2º Momento	112
------------------	-----

3º Momento	113
------------------	-----

QUINTA ETAPA

CIRCULAÇÃO DO TEXTO	119
---------------------------	-----

O fim da viagem ou começo de novas possibilidades.....	119
--	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
----------------------------------	-----

PREFÁCIO

Este livro foi concebido com a finalidade de contribuir com alunos e professores de língua materna no que tange à leitura e à produção textual. Segundo Dijk (1971), o texto subjaz o discurso, pois, em sua essência, funciona como produto da interação humana em suas diversas categorias. Por isso, procurou-se, neste livro, indicar uma direção possível para as aulas de leitura e interpretação de texto no Ensino Fundamental.

Nesse sentido, todos os esforços, para a execução deste texto, estiveram pautados na tarefa de reflexão sobre o trabalho com o texto em sala de aula. Sendo assim, por meio de uma pesquisa dirigida, a autora optou por fazer uma sequência didática a respeito das memórias de leitura dos alunos. Para tanto, foram organizados métodos para fazê-los resgatar suas histórias e vivências, testemunhos vivos na memória dos pequenos contadores de história.

Por meio do resgate das memórias, é possível recriar o mundo e traduzi-lo por meio da oralidade e da escrita. A memória é uma arte que não deve ser negligenciada. Sobre essa arte, Ricouer (2007, p. 76) disse que ela consiste “em associar *imagens e lugares* (topoi, loci) organizados em sistemas rigorosos, como numa casa, numa praça pública, num cenário arquitetural”. A seleção dessas imagens mentais traduz o armazenamento feito na mente de cada indivíduo que, quando necessário, são trazidas à tona.

A professora de Língua Portuguesa e também pesquisadora, Warlete Cristina, idealizou este projeto a partir de uma temática proposta para suscitar as memórias infantis dos adolescentes que participaram do projeto. O intuito era evocar as memórias das primeiras leituras fazendo com que os alunos se entregassem ao resgate das lembranças, sobretudo a respeito de como a leitura adentrou a vida deles e quais sentidos foram trazidos.

O tema leitura é rememorado pelos alunos partindo de uma pergunta elaborada pela pesquisadora: “Você já parou para refletir como foram nossos primeiros passos para o mundo da leitura?”. Os alunos, por meio de textos escritos, responderam ao questionamento e as histórias contadas por eles fizeram emergir momentos dos quais surgem sensações variadas e que merecem ser apreciadas pelos leitores.

O livro é uma excelente opção para professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental preocupados com novas metodologias de aprendizagem. A autora desempenhou bem o seu papel enquanto professora e pesquisadora comprometida com uma educação, em língua materna, de excelência.

Enfim, a leitura deste livro será bastante produtiva e acarretará mudanças importantes e significativas para o campo do ensino de língua portuguesa, possibilitando aulas mais dinâmicas e muito mais prazerosas tanto para o aluno quanto para o professor. É certo que o livro cumprirá com os objetivos pré-estabelecidos, quando ele ainda era um projeto: resgatar lembranças e transmiti-las para o papel com a finalidade de permitir que os leitores também reflitam sobre suas memórias de leitura.

Helda Núbia Rosa

Professora Mestra em Estudos Linguísticos

Professora da SEDUCE e da Faculdade Unida de Campinas.

PURO ENCANTO

O projeto de pesquisa de Warlete Cristina me encantou. Propor uma investigação por meio da produção de memórias é sempre instigante, porque produzir memórias é encontrar-se a si mesmo, é (re)construir-se, é (re)conhecer-se. Mais instigante se torna esse desafio se ele é proposto a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. O encanto se fez maior assim que descobri que o interesse da pesquisadora eram as memórias de leituras dos alunos. Como resistir? Warlete e eu nos embrenhamos pelos desvãos das memórias de leituras dos participantes do estudo que ela propôs desenvolver, com o objetivo de investigar a formação do leitor.

Explico meu encanto: nasci numa pequena cidade do sudoeste goiano. Eu fui a última dos sete filhos que meus pais tiveram – a primeira morreu. Família pobre. O pai, trabalhador de todos os ofícios: homem do campo, pedreiro, carpinteiro, oleiro, motorista de caminhão e de ônibus, mecânico... Um homem que sempre conseguiu conciliar fortaleza moral e sensibilidade. A mãe, sábia educadora, passava a maior parte dos dias e das noites costurando roupas para os fregueses e a vida para os filhos. Era o equilíbrio entre o rigor e a docilidade, entre a repreensão e o afago, entre o limite e a permissão. Ela partiu para o Mundo Maior quando eu tinha 16 anos. Ele se foi quando eu já fizera 50. Saudades...

Meu pai frequentou a escola o suficiente para aprender a ler e a escrever precariamente. O resto a vida lhe ensinou melhor que qualquer escola. Homem do seu tempo, não entendia que a escola fosse fundamental ou mesmo necessária aos filhos. Ele construiu sua vida sem ela... E sempre fora um homem honesto, justo, responsável. Carregava os filhos homens com ele para o campo ou para as longas viagens que fazia, transportando combustível de Goiânia até o Amazonas, no início dos anos 1970. Por isso e por outras razões, meus irmãos pouco estudaram, ainda que minha mãe se esforçasse muito para que fosse diferente.

Não há como negar: minha mãe é meu exemplo. Ela sempre estava com um livro às mãos. Sempre que podia, reunia as filhas – éramos três filhas mulheres – e lia para nós. Lembro-me de quando ela comprou uma estante, com portas de vidro, de correr, e começou a enchê-la de livros. Coleções de dicionários, enciclopédias e literatura, compradas de vendedores ambulantes, que eram pagas em parcelas sofridas, porque o dinheiro, a mais das vezes, saía da mesa para a estante.

E não era só isso. Tudo que fosse para escola, para qualquer um de nós, ela não media sacrifícios nem horas à máquina de costura: tínhamos, geralmente, atendidas as necessidades e às vezes até alguns mimos. Reconheço que fui privilegiada, por ser a mais nova. Sempre que viajava, minha mãe retornava com um presente para mim. Uma vez, foi uma boneca, mas as outras todas, se não me engano, foram livros.

Desde que me entendo por gente, vejo-me afeiçoada aos livros, à leitura. Lembro que apreciava mais os livrinhos com que minha mãe me presenteava do que as bonecas. Passava mais tempo com eles do que com elas. Não eram muitos, nem eles nem elas, porque eram luxo para o quase nada que tínhamos. Talvez por isso preferisse os

livros. Eles se multiplicavam: a cada leitura, eram outros. Os livros eram poucos, mas nunca faltaram. Além deles, apareciam, não sei de onde, as revistas de fotonovelas, os gibis, as histórias em quadrinhos. Para as parcas condições materiais em que vivia, a leitura era sempre uma riqueza. Estimulada, primeiro, pela minha mãe e pelos próprios livros, depois, por algumas professoras, esse encanto pela leitura constituiu-me. Nunca deixei de estar às voltas com os livros, fosse em minha casa ou nas casas dos tios que os tinham mais do que nós; fosse na escola ou nas bibliotecas.

Elaborei a minha adolescência, lendo. Eu já lia muito desde a infância. A biblioteca da minha escola, na cidade do interior, tinha as portas abertas para mim, inclusive para levar para casa uma coleção de Monteiro Lobato que os outros alunos só podiam ler na própria biblioteca. Esse privilégio, eu já o reconhecia, se deu pelo fato de a bibliotecária ser uma professora por quem eu tinha verdadeira adoração. Ela, pelo visto, também gostava de mim.

Em Goiânia, tive a oportunidade de conviver com outro lado da família que tinha muitos livros e de livre acesso a quem por eles se interessasse. Para mim, era a glória suprema: abrir as portas de uma estante cheia de livros era abrir as portas de um paraíso sedutoramente misterioso. Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Malba Tahan, Monteiro Lobato, José de Alencar, Bernardo Élis e outros, muitos outros. Todos eles interferiram na elaboração de minha adolescência. Eu sou um pouco de todos eles. A verdade é que passei a adolescência e a juventude lendo muito. Não porque a escola pedisse, pois ela pedia muito pouco. Mas porque a leitura e a literatura me ampliavam os sentidos e o mundo.

Não deu outra: formei-me professora de Língua Portuguesa e conduzi minha trajetória acadêmica pelos caminhos que investigam e problematizam a formação do leitor. Muito me orgulha ter percor-

rido com a Warlete os caminhos que nos conduziram ao livro que aqui se apresenta: uma coletânea de relatos de memórias de leituras produzidos por alunos de uma turma de alunos do 9º ano de uma escola agrícola, do interior de estado de Goiás: puro encanto.

Goiânia, 19 de maio de 2020

Ilse Leone B. C. de Oliveira

DE ONDE VENHO: RECONSTRUINDO E REMEMORANDO CAMINHOS QUE TRILHEI

Para iniciar esse relato de memória quero, primeiramente, me apresentar: sempre fui em busca dos meus sonhos e sou apaixonada pelo mundo mágico da palavra, em especial a simples, e por ouvir histórias contadas pela boca do povo. Parafraseando Manoel de Barros, não gosto de palavras exaustas de informar, dou mais valor às simples que vivem de “barriga no chão”.

Venho de uma tradição na qual ouvia histórias contadas pela minha mãe, mulher simples, de pouca leitura, mas com uma enorme sabedoria de mundo. É por meio das histórias de minha mãe, que povoaram minha infância e ainda habitam em meus escritos e pensamentos, que os fios desse enredo vêm sendo tecidos.

A palavra escrita não tinha muita regalia na família onde nasci. Morava na roça, mãe semi-analfabeta, pai alfabetizado até a 4ª série primária, como se dizia naquele tempo. Cinco irmãos, duas mulheres e três homens. Sou a segunda filha, entrei na escola junto com meu irmão mais velho. Estudar não era uma tarefa fácil e nem um caminho curto, pois a estrada que nos levava para a escola era longa, caminhávamos oito quilômetros por dia para chegarmos à sala de aula de um pequeno povoado chamado Cesárea.

Meu pai gostava muito da palavra escrita, lia muito, gostava de ler livros de *cowboy* e, às vezes, romances como: Sabrina, Bianca, Júlia e outros. Já minha mãe não gostava da palavra escrita. Era a palavra falada que corria solta como um rio caudaloso. Era de minha mãe que vinham várias histórias e cantigas. Porém, havia mais histórias que cantigas. Vida corrida, trabalhava na lida da casa e cuidava dos/as filhos/as, enquanto meu pai trabalhava na roça para dar de comer àquela numerosa família. Logo, meus irmãos também estavam na lida com ele, tiravam leite e carpiam a roça de arroz e milho.

Mesmo com o tempo curto, minha mãe tirava algumas horinhas para nos ajudar com a palavra escrita e com as belas histórias vindas da tradição oral. Hoje, relembro bem como ela ensinou a escrita do meu nome e do meu irmão. Ela tinha, e ainda tem, uma máquina de costura que, nesta época, era usada na confecção de roupas para a família e nos consertos de peças que descosturavam ou rasgavam. Minha mãe tinha poder de colocar tudo no mais perfeito estado. Ah! E o que essa máquina tem a ver com minha história? Era ali, sentada, na hora da costura, que ela nos ensinava. Escrevia nosso nome na tampa da caixa em que ficavam guardadas as coisas de costura, e nos apresentava dizendo letra por letra e nos colocava para repetir. E claro, tínhamos toda a atenção para aquela escrita. Assim, fomos aprendendo e adentrando no mundo da palavra escrita até o momento de irmos para a escola. Ela, sempre muito cuidadosa e zelosa com os filhos, queria que estudássemos para nos tornarmos ‘alguém na vida’, era assim que falava. A viagem pelo mundo da leitura, da palavra e da escrita iniciou assim, de modo simples, mas muito significativo, e assim os laços foram criados e aprofundados com o passar dos tempos.

É chegada a hora de frequentar a escola, o medo muitas vezes me invadia só de pensar que teria que sair de casa sem a presença

de mamãe. Não teve escapatória e lá fomos nós, meu irmão e eu. Eu tinha sete anos de idade, ainda muito pequena e com muitos medos. O caminho era longo. Não pense que existia transporte que nos levasse. Saíamos de casa bem cedo, percorríamos pastos, córregos e enfrentávamos vacas na estrada. Como tinha medo, ou melhor, pavor, meu irmão não era assim tão companheiro, na maioria das vezes me deixava para trás sozinha. Mesmo assim, seguia o caminho entre choros e lágrimas e continuava a jornada. Recordo-me bem que nossas bolsas para carregar os objetos eram capangas (bolsa pequena de tecido) ou até mesmo saquinhos de plástico de açúcar que era para o material não molhar.

Escola pequena com apenas três salas de aula, carteiras que podiam ser ocupadas até por dois alunos, todas enfileiradas, e aí de alguém se saísse daquela posição. Lembro bem como era minha primeira professora, uma pessoa calma que nos ensinava com muito carinho e dedicação, dona Lurdes. Recordo-me de quando nos chamava até a sua mesa para tomar a lição, sentia um frio na barriga só de pensar que não iria conseguir ler as palavras apontadas por ela. Tínhamos um profundo respeito por aquela mulher que nos instruía com tanta ternura, com uma voz calma e suave. Não consigo me recordar de história ou leituras feitas por ela em livros literários, o único material que tínhamos era a cartilha “Caminho Suave”. A leitura daquele material muito me aprazia, era o meu primeiro livro de leitura e escrita com que tinha contato, achava todas as lições uma mais agradável que a outra. Deleitava-me em cada palavra descoberta e lida, sentia gostos e percebia cheiros. Ah! Quanta vontade sentia de comer o brioche, que naquele tempo nem sabia bem o que era, mas a leitura levava-me a imaginar a comida mais saborosa que poderia existir. E no final da cartilha estava um certificado com os dizeres “Já sei ler”, me senti o máximo com aquele certificado em mãos, não

imaginava nem aonde iria chegar e nem quantos certificados poderia receber.

Daquela pequena escola, as recordações ficaram para sempre guardadas, foi ali que minha trajetória teve início. Professores que ficaram na minha memória e serão eternos. Custódio Candido Ribeiro (in memória), professor “bravo”, severo e que nos castigava se não soubéssemos a tabuada. Quantas vezes fui para o castigo! Os números nunca foram o meu forte, mas ele insistia em tomar a tabuada, das lições e leitura, não recordo muito bem.

Meus outros irmãos também trilharam o mesmo caminho da escola. Continuávamos meu irmão mais velho e eu estudando de manhã, e os outros dois à tarde. Raras foram as vezes que caminhamos por aquele trajeto juntos, rumo à escola. Lembro-me que teve uma época em que estudávamos no mesmo horário. Seguindo a tradição de contar história, íamos por aqueles caminhos contando histórias uns para os outros. Tínhamos aprendido com nossa mãe. Havia disputa de quem conseguia contar a história mais longa, então era muita imaginação e fantasia que surgiam das nossas cabeças. As narrativas continuavam em casa, após a chegada da escola. Dividíamos nosso tempo entre os afazeres domésticos, ajudando no que fosse necessário, e logo nossas brincadeiras começavam. As laranjeiras se transformavam em casinhas, as folhas em tecidos, os espinhos em agulhas para coser as roupas das bonecas, eram muitas brincadeiras. Escolinha também tinha, tomávamos as lições, ensinávamos leitura, quadro negro não existia, o que existia era nossa imaginação, planejando aulas diversas e até castigo para os que não cumpriam com os deveres escolares. Quem era a/o a professor/a? Não me recordo quem ficava mais tempo ocupando a função de professor/a, havia um revezamento entre nós. Cada um de nós sempre buscava métodos para trazer novidades para as aulas, e assim os dias passavam e o tempo corria

em disparada, e nós nos tornávamos mais responsáveis, tanto nos afazeres de casa e do campo quanto da escola.

O tempo corria acelerado, o curso dos estudos ia avançando ao longo dos anos. Ao concluir a 4ª série primária - hoje 5º ano do Ensino Fundamental, chegou a hora de ir para mais longe de casa, morar com minha avó. Ali, na fazenda, já não tinha mais estudos para mim, para continuar tinha que ir para a cidade de Jussara, estudar em uma escola grande e iniciar o 1º grau, cursar a 5ª série, atualmente, 6º ano. Fui matriculada no Colégio Estadual Dom Bosco, hoje CEPI. Desta vez, o medo foi bem maior, além de chegar de uma escola de zona rural na qual todos já se conheciam, agora era mais assustador, não conhecia ninguém e havia muitos alunos e professores/as. Nem meu irmão, que sempre me acompanhava para a escola, veio, havia sido reprovado. O ano logo passou, fui cursar a 6ª série e meu irmão mais velho chegou para juntos continuarmos a caminhada. Não veio só ele, meu irmão mais novo também veio morar conosco.

Com a chegada de meus irmãos, a casa de vovó não continuaria sendo nosso refúgio, fomos morar em outra casa que meu pai alugou e, lá, nos deixou sozinhos, era um cuidando do outro. Sentia-me responsável, tinha que cuidar da casa, dos estudos e dos meus irmãos, em especial o mais novo que, nesta época, estava iniciando na escola, cursava a alfabetização. Assim, o curso da vida seguia, durante a semana ficávamos na cidade, fim de semana íamos para a fazenda. O tempo não espera e nada fica para depois, e tudo corre na velocidade do vento.

Logo, nós, os irmãos, estávamos todos juntos para cada um prosseguir a caminhada nos estudos. Porém, nem todos continuaram nessa jornada, trocaram os bancos escolares por outros afazeres, um voltou para a fazenda, continuou na lida com meu pai e logo quis se casar, outro desistiu dos estudos e foi trabalhar e continuar sua

vida na cidade, minha irmã também logo desistiu, começou a trabalhar e seguiu outros rumos sem ser o escolar, até tentava, mas às vezes percebo que a escola não abriga a todos. Somente eu que prossegui e fui em busca de concluir o 2º grau, atual ensino médio.

Nessa busca incessante pelos estudos, eu não podia saber onde iria chegar um dia. Se um dia iria ser a professora que em tempos remotos meu pai disse que eu seria, na verdade, nem imaginava o que queria profissionalmente, talvez pelas condições em que vivia não tinha o direito de sonhar com algo que estivesse muito além da minha realidade. Recordo-me que na época em que cursei o magistério, confesso que não tinha muito talento para as aulas de estágios e os planejamentos de aulas para a educação infantil; eram tantos detalhes e trabalhos que tínhamos que fazer, cadernos encapados e bem decorados, pensava que não seria o que queria, mas mesmo assim prosseguia.

A leitura era pouca, as aulas de LPLB – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – eu consigo me recordar que tinham a finalidade apenas de dissecar os períodos literários, com seus nomes, datas e traços abstratos, isto é, decorá-los. Não consigo me recordar de nenhuma obra lida durante esses três anos e nem de alguma conversa sobre livros literários e muito menos sugestões de leitura. A professora era famosa por ser considerada excelente, e aí de quem a desafiasse, era rígida e muito respeitada por todos. No colégio havia biblioteca, porém não havia momentos para visitá-la, os livros serviam apenas para serem apreciados com os olhos. Existia uma biblioteca na praça da cidade também, as raras visitas que fazia eram para fazer trabalhos escolares, não leitura de obras literárias, muito pelo contrário, era para fazer alguma pesquisa relacionada a algum assunto que o professor pedia.

As leituras que mais fazia eram dos romances: Júlia, Sabrina e Bianca. O mais engraçado é que eram leituras escolhidas por mim

por conviver com pessoas da família que liam, meu pai, como já citei, e minha tia. Às vezes lia nem pela história, pois a maioria começava e terminava praticamente do mesmo jeito. Porém, o que me prendia eram os lugares descritos, os personagens, as redes de intrigas, os romances, os cafés e os sanduíches, foi justamente nesses romances que descobri a figura de linguagem ‘sinestesia’, mesmo sem saber bem o que era, parece que sentia o sabor daqueles sanduíches com café.

Assim, em 1992, saí do Colégio Estadual Dom Bosco formada em magistério. É interessante dizer que cada um de nós tem trajetórias de vida, com teorias, ideologias e vivências, que acabam por estabelecer nossas experiências e vice-versa. Morava numa cidade que não tinha faculdade e a mais próxima ficava a 144 km, na cidade de Anicuns-GO. Até criei certa expectativa de cursar pedagogia, mas não deu certo e o sonho de um curso superior foi adiado, talvez porque o destino me reservasse algo melhor.

Em 1993 me casei, e foi então que percebi que a graduação ficou mais distante ainda. Logo tive minha primeira filha, Carolina, após quatro anos, o segundo filho, Adanair Neto, e, em menos de dois anos, nasceu a Laura, a terceira filha. Fui ser dona de casa e mãe sem nenhuma esperança de cursar um curso superior, às vezes até me pegava pensando, mas logo percebia que era um sonho quase impossível de ser realizado. O engraçado é que tudo que pensava em fazer nessa época era na área da educação: ser professora; esse desejo começou a brotar em mim e ficava sempre crendo que em algum momento poderia acontecer.

Foi em 2000 que ingressei na carreira do magistério, numa escola estadual no município de Britânia, e ali descobri a minha vocação: ser professora. Entretanto, não foi fácil galgar as etapas dessa trajetória. Lembro-me, como se fosse hoje, desse colégio, tinha pouca experiência ou nenhuma, apenas o magistério concluído em 1992,

mas fazia de tudo para conseguir desempenhar a função de forma que pudesse tornar a sala de aula um espaço de aprendizagens e momentos agradáveis. Já logo no início da minha carreira, fui trabalhar no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com turmas numerosas. Como esquecer uma turma de 8ª série com quase ou mais de 50 alunos, foi essa turma que fez com que eu descobrisse que era isso que queria ser. Foi tornando-me possível perceber a professora que eu na verdade era, sem nem mesmo saber.

A disciplina que ministrava para essa turma era Ensino Religioso, uma matéria pela qual poucos alunos se interessavam, mas conseguia ministrar uma aula agradável em que todos participavam. O melhor aconteceu quando ouvi da coordenadora pedagógica a respeito do depoimento de uma aluna, que relatou que queria que todas as aulas fossem minhas, porque gostava muito da aula e de mim. Ah! Como me senti? Que estava percorrendo o caminho certo, e o pavor foi se dissipando e eu me tornando mais confiante. Tentava cada dia fazer o melhor, mas é claro que ainda me faltava experiência e estudo para compreender a prática. Fiquei até o final de 2002 nessa escola e na cidade também.

De volta a Jussara, em 2003, comecei a trabalhar numa escola particular, e nessa escola encontrei um lugar essencial para mim, tornei-me professora de Língua Portuguesa, o espaço da linguagem e da palavra. Sei o quanto é delicado trabalhar com a palavra e levá-la para o espaço da sala de aula. Iniciei com turmas de 5ª a 8ª série com essa disciplina, a bagagem ainda era pequena, mas o interesse de levar os alunos a descortinarem o mundo da leitura era bem maior que minha pouca experiência. Porém, ainda me sentia muito insegura com as práticas de leitura e a melhor forma de levá-la aos alunos; até então, as aulas eram voltadas para a leitura dos livros didáticos, a responder questionários que já estavam prontos e estudar gramática.

Neste mesmo ano, o sonho de entrar na faculdade estava bem mais próximo e poderia tornar-se real, já existia uma faculdade na cidade. Então, muni-me de coragem e prestei o vestibular na UEG – Universidade Estadual de Goiás – para o curso de Letras, e fui aprovada. Cabe ressaltar que em 2002 prestei vestibular para o curso de Letras e não fui aprovada. Somente em 2003 que o sonho se realizou, aprovada no vestibular.

Embora as dificuldades e as incertezas quanto ao curso de Letras ainda pairassem sobre mim, essa experiência me desvelou uma nova realidade, a leitura foi-me apresentada de maneira muito significativa e criativa. Conheci a leitura crítica com a professora Vera Lúcia, nas aulas de Literatura Brasileira. Ainda me recordo do primeiro texto, acredito que foi a leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha. Nessa época, internet era algo bem raro, tivemos que ler muito, pesquisar e ir atrás para fazer a análise dessa carta! Ufa! Não foi fácil, mas conseguimos. E foi justamente nesse período que comecei a escrever com um pouco mais de segurança, pois até essa data tinha medo do papel em branco. E foi com ela, Vera Lúcia, que conheci a leitura de uma forma diferente, uma vez que as leituras eram feitas com uma postura mais perspicaz, avaliativa, comparativa, questionando, tirando conclusões, criticando e aprendendo. Ela, com muito carisma, desenvolveu um papel fundamental, foi aos poucos nos guiando nesse percurso do mundo da leitura e o mais importante, foi nos mostrando que a leitura estava ao alcance de todos nós.

Assim, nessa tessitura, as teias desse emaranhado foram ganhando forma, os fios que me conduziram foram transformando-se em formas e cores, tecendo os caminhos para formar-me professora. Minha prática docente foi se aperfeiçoando e cada vez mais buscava levar para a sala de aula o que aprendi na teoria, e também na prática. Fui tecendo, com o tempo, os caminhos da educação que antes nem imaginava, ser professora e estar nessa posição em que me encontro

hoje. Aqui procurei ser a mais verdadeira possível com os leitores, pois não tinha nem vocação nem aspirações na carreira do magistério, mas percebo que trilhei o caminho certo. Há dezenove anos sou professora, passei por escolas particulares e públicas, hoje sou funcionária da rede municipal de ensino da cidade de Jussara-GO. Sempre procurei levar pelos caminhos que andei minhas concepções, crenças e, claro, respeito às pessoas com as quais convivi e convivo, e assim, fui formando-me pelas experiências encontradas nas redes de diálogos, onde pude ir me transformando e virando a professora e a profissional que sou hoje.

Ao longo da minha formação como estudante na Educação Básica, licenciatura em Letras e como profissional da Educação Básica, percebo que há uma lacuna na formação leitora dos educandos. Minhas experiências como aluna da educação básica não foram das melhores, houve muitos espaços que necessitavam ser preenchidos, no entanto fui encontrar esse suporte somente na graduação. Talvez não se trate simplesmente de preparar os alunos para o mercado de trabalho e muito menos para se saírem bem em avaliações externas; em contrapartida, o propósito maior para a formação é torná-los mais aptos para uma vida mais digna, enquanto seres humanos e cidadãos capazes, conscientes e participantes, percorrendo o caminho da leitura literária, pois esse é o papel da literatura. De acordo com Cosson (2018), a literatura tem uma tarefa importante a cumprir, sendo o papel humanizador, de modo que precisamos rever conceitos e promover diálogos em busca de uma escolarização que promova o encontro do leitor como o texto.

Jussara- Go, 14 de fevereiro de 2020

Warlete Cristina de Oliveira

I PARTE

RELATOS DE MEMÓRIAS DE LEITURA





CONVITE AO LEITOR

Convido você, leitor, para adentrar no mundo mágico da leitura. Leituras que vieram da memória, foram buscadas em tempos distantes para compor essas produções. Memórias trazidas da família, da escola, desde o início da vida estudantil até os dias atuais.

Ressalto que os/as alunos/as autores/as desses textos tiveram um pouco de dificuldade para alcançarem o resultado dessas produções, mas eles/as foram ouvidos e compreendidos nos momentos em que encontraram uma “pedra no meio do caminho”. Foram chamados a refletir, a lembrar, relembrar, a escrever e a reescrever.

Vale ressaltar que as correções dos textos dos/as participantes foram as mínimas possíveis, para não interferir na autoria. Passaram por um processo de escrita e reescrita para aproximarem os textos e adequá-los às normas convencionais da língua considerada padrão. Eles/as foram orientados/as sobre os aspectos que necessitavam aperfeiçoar coletivamente e individualmente e assim garantindo os aspectos fundamentais referente ao gênero textual e os aspectos linguísticos exigidos pelo gênero. Quero enfatizar que ao trabalhar com a produção escrita, não busquei a pureza, mas sim as regularidades.

O importante é que os/as alunos/as conseguiram entender que são capazes de colocar no papel em branco aquilo que está apenas no

terreno das ideias. Que, com um pouco de tempo e paciência, vão surgindo as mais belas reflexões memorialísticas, que pouco a pouco foram colocadas sobre o papel, ganhando vida, cor e sentimentos.

Além de compreender que agora suas memórias ficariam para sempre registradas e que se um dia, no futuro, quisessem reviver um pouco de seu passado teriam que simplesmente pegar este livro, acomodarem-se em uma poltrona, cama, sofá ou mesmo numa cadeira de balanço, e comecem e embrenhar-se pelas palavras aqui dispostas. São histórias do passado que estão registradas numa folha e também na memória. Nesse instante relembriariam momentos vividos que talvez, se não estivessem grafados aqui, sem essa leitura não conseguiriam resgatar tão bem.

Nós, organizadoras deste livro, jamais esqueceremos dos momentos que passamos juntos na construção e produção dessas memórias de leituras. Será inesquecível, sempre nos lembraremos dos rostinhos um pouco apreensivos, refletindo: será que consigo? Será que iremos conseguir, professora? E nós ali na certeza de que eles/as se tornariam os protagonistas das mais belas histórias.

E vale dizer que são histórias que emocionam, são memórias que realmente foram tiradas da alma e do coração. Talvez não tenha sido fácil para esses/as autores/as exporem momentos tão singulares, que estavam guardados no fundo do baú e que jamais pensaram em expô-las assim, para todos/as.

Então, venham conhecer as mais belas memórias de leituras.

RELATO 1

O DESEJO DE TER UM LIVRO NAS MÃOS

Bom, desde pequena não fui muito incentivada ao mundo da leitura. A falta de tempo ou até mesmo conhecimento dos meus pais não colaboravam para que eu me tornasse uma leitora ou pelo menos começasse a minha vida como tal.

Antes dos meus pais se separarem era mais fácil para mim, mas a partir do momento que eles se separaram se tornou mais difícil ainda. Eu era bem nova e tinha acabado de entrar na escola, não sabia nada sobre leitura e nem mesmo de escrita. Com a ausência de minha mãe na família tudo ficou mais complicado para meu pai conseguir cuidar de todos nós sozinho.

Porém, meu pai foi se organizando e conseguiu ganhar mais tempo para ficar em casa comigo e com meus irmãos. Não consigo recordar do meu pai dando um suporte na leitura, mas ele sempre tentou ser um pai ativo na minha vida escolar, sempre ia à escola para saber como que eu estava indo nos estudos. Mesmo com toda essa falta de tempo e apoio dele, foi com ele em casa que aprendi a escrever e a ler, lembro muito bem dessa cena. Estávamos eu e ele na mesa da cozinha, sentados com um caderno e um lápis. Ele falava as letras do meu nome e eu repetia tanto oralmente como escrita. Essa simples memória se tornou algo muito importante para mim.

Outra lembrança marcante da minha infância e da minha trajetória de leitora, era quando meu pai lia a Bíblia para todos nós. Ele nos reunia em uma mesa ou qualquer outro lugar da casa para ler.

Esse momento para ele era para nos ensinar sobre a vida, mostrando uma passagem do livro da Bíblia como forma de ensinamento. Ele queria que nós entendêssemos os ensinamentos de Deus e aprendêssemos a nos comportar. Para mim, isso foi muito importante, pois esse era mais um momento de leitura na minha casa.

Outra recordação que tenho foi quando fui matriculada no 1º ano. Não tinha nenhum livro em casa, ninguém nunca havia me dado um livro. Claro que na minha escola tinha muitos livros, porém nenhum daqueles livros da biblioteca eu poderia chamar de meu, pois não era. O meu sonho era ganhar um livro de alguém, dos meus pais, de amigos ou até mesmo dos professores da escola. No decorrer daquele ano, não recordo da professora ter lido algum livro para a turma, mais creio que ela leu, lembro que ela lia textos para nós. Um desses textos que ficou marcado para mim foi “Brilha Brilha Estrelinha”, eu amava esse texto, talvez porque ele trazia a ideia de aconchego e de carinho, não sei bem qual o motivo, mas gostava muito dele.

Quando conclui o 1º ano, a escola organizou uma festa de formatura, o melhor não foi à festa, foi mesmo o presente que eles deram. Todos os formandos receberam um livro. Ah! Como fiquei feliz em receber aquele livro tão desejado e tão sonhado, meu sonho tinha sido realizado. Naquele momento poderia ser qualquer livro, o livro não importava, o importante era que tinha um livro nas mãos. O nome do livro, não tenho muita certeza, mas acho que se chamava “A Bruxinha”, era um livro pequeno, mais era meu, já poderia chamar de meu e só meu. Foi um dos melhores presentes que já havia recebido até então, foi também um ótimo incentivo. Ele me ajudou na minha vida de leitora. Hoje já não sei onde esse livro está, não sei o que houve, não sei se dei para alguém, se perdi ou joguei fora, sei que não tenho ele mais.

Sempre tive ótimas professoras de português, elas sempre ficavam no meu “pé” para que eu me esforçasse na leitura, logo eu que nunca fui muito de ler, talvez não por não querer, mas por não ter o material para ler. Os livros que tive na minha casa, além dos livros didáticos, da Bíblia e das revistas do meu pai, foi o que ganhei na minha formatura do 1º ano. Mas mesmo assim elas sempre tentavam me ajudar, incentivavam a ler. Como eu não era uma grande leitora, tinha dificuldades em português. Foi necessário ter aulas de reforço, nessas aulas aprendi, evolui bastante, além de tomar gosto pela leitura.

Quando me mudei de cidade, obviamente mudei de escola. Ainda estava na primeira fase e já gostava de ler, ia à biblioteca sempre que era permitido e sempre que eu podia. Era muito bom, a leitura se tornou um hobby. Recordo que quando pegávamos livros na biblioteca, recebíamos uma ficha como se fosse uma tarefa de casa. Tínhamos que ler e responder a ficha e devolver para a professora. Eu gostava dessas atividades.

Ao passar para a segunda fase, não sei o que aconteceu, mas me “esfriei”, posso assim dizer, passei a ler menos ou quase nunca. Às vezes me pergunto: O que aconteceu comigo? Por que não leio mais? Talvez possa ter sido minhas amizades ou foi apenas a descoberta da leitura que fez me interessar (ainda na primeira fase). Atualmente não sou uma leitora ativa comparando como era antes.

Gabriela Rosa de Oliveira– 15 anos
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019

RELATO 2

A CORUJA DA LEITURA

Quando falamos de nossas lembranças, o único reflexo que vem em nossas cabeças são apenas as brincadeiras, os momentos bons e ruins. Mas já parou para refletir como foram nossos primeiros passos para o mundo da leitura?

Particularmente lembro bem pouco de como foram os meus primeiros passos para o mundo da leitura. Mas sempre tive consciência de que ler é um passo importante na minha vida. Por várias vezes observava minha avó com muitas dificuldades para ler alguma coisa. Então, esse foi um dos meus maiores motivos para entrar no mundo mágico da leitura: a falta dela que sempre presenciei na minha casa e na minha família.

Lembro quando morávamos, eu e minha mãe, com minha avó em uma casinha daquelas de palha, penso que nem existem mais essas casinhas. Será que não? Não importa! O importante foi que vivi neste lugar simples, mas o amor era gigantesco. Minha mãe nunca teve muitas condições, mas sempre fez o melhor para mim. E foi neste ambiente simples e carregado de muito afeto que dei meus primeiros passos para o mundo das letras.

Bom, vou começar a descrever meus primeiros passos rumo à leitura. Começou na minha casa, com minha avó. Ela sempre me fazia ler bastante, ficávamos sentados por horas e horas em uma “mesinha” velha de madeira. Ah! Os livros que nos acompanhavam eram sempre de corujas. É até meio engraçado, o gênero de leitura que minha avó gostava, mas para ela coruja era sinônimo de sabedoria. E

ela sempre fez de tudo para me tornar uma bela corujinha.

Assim que entrei na primeira fase, eu não era tão amigável, sempre tive um gênio muito difícil. O motivo de não ser tão amigável, talvez fosse por sofrer muito bullying, via a maldade e a arrogância no rosto das pessoas, e por isso não conseguia controlar meus sentimentos. Por que importar com isso, não é mesmo? Pois foi justamente nesse período que estávamos descobrindo o mundo da leitura e eu me aprofundando ainda mais. Lembro que na escola tinha computadores e os professores nos levavam para a sala de computação e colocava joguinhos de língua portuguesa para ampliar nosso conhecimento. Assim o tempo foi passando e veio o 5º ano. Foi quando conheci a diretora mais “chatinha” possível, parecia bruxa dos contos de fadas. Fazia a turma toda ler, parecíamos escravos da leitura, a única coisa que eu pensava era: “Como alguém gosta tanto de ler? Credo!!!” Mal via a hora de sair dessa escola.

Enfim, o 6º ano chegou, fui para outra escola e nessa os professores não se importavam muito com a leitura. Acreditem, até senti falta da “Bruxa má”.

O ano terminou e mais uma vez me transferi para outra escola. E foi justamente nessa escola que nunca tive e não tenho nada para reclamar (ainda estou nessa escola). Hoje tenho uma professora incrível que sempre cobra a leitura dos alunos. Atualmente percebo que a leitura pode transformar muitas pessoas. E sabem da melhor!? Hoje agradeço a “Bruxa má”, por sempre mostrar que leitura é importante. Afinal sem ela não somos nada. Aprendi que os momentos de leituras são valiosos e nós os carregamos por toda vida!

Francielly Silva Souza – 15 anos
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019

RELATO 3

ENCANTOS DA LEITURA

Para falar das minhas memórias de leitura, vou começar desde a minha infância. Quando ainda era pequena não lia muito, mas gostava de especular um pouquinho as coisas. Era super curiosa, minha mãe quase nem lia para mim. Ela gostava de contar histórias e contava bastante.

Meus pais quase não tinham conhecimento, não sabem ler muito bem, são poucas palavras que eles conseguem ler. Eles não conseguiam me ensinar. Também tinha outro problema, eles não moravam juntos. Mesmo assim, quando tinham oportunidade contavam histórias para mim.

Assim que entrei na escola, no primeiro ano, fiquei muito ansiosa, quando entrei na sala e vi que havia muitas letras e palavras por todos os lados fiquei encantada com tudo aquilo, e o melhor: já conhecia algumas palavrinhas que estavam lá, por exemplo: SAPO – GALINHA – PASSARINHO – LEÃO – MACACO e muitas outras. Estava tão deslumbrada com a sala de aula que inclusive não gostava de faltar aula.

Minha professora logicamente me incentivou a começar a juntar as letras e formar palavras, com o passar dos dias já estava melhor para ler, não lia muito bem, mas conseguia ler bem melhor.

Lembro que naquela época havia o cantinho da leitura e tão logo comecei a querer pegar os livrinhos para ler. Mesmo que demorava horas para conseguir sair de uma página, ficava muito “grilada”

com isso. Meus coleguinhas estavam mais rápido que eu, logo passava de folha e eu não. Mas eu não desistia jamais, sempre continuava insistindo nas leituras.

No segundo ano, já estava bem melhor na leitura. Ah! Como fiquei feliz! Em casa minha mãe sempre cobrava leitura, às vezes até levava bronca dela, tinha que ler. Então, fui percebendo que a leitura é muito importante e que por meio dela adquiria novos conhecimentos, conhecia novas palavras. Minha professora nos encorajava para ler e dizia que quanto mais líamos ficaríamos melhores para ler. Foi então que comecei a pegar livros infantis de literatura na escola e levava para ler em casa, assim passei a gostar cada vez mais de leitura e era cada história melhor que a outra.

Já estava no terceiro ano, mas meu Deus, quanta coisa difícil! Estava muito empolgada e entusiasmada, queria aprender mais e mais. Nossa! Tinha tantos livros bons! Havia muitas palavras difíceis de serem pronunciadas, palavras que nunca tinha visto na vida, quanta dificuldade! Foi um período bom, aprendi muito, minha leitura estava bem melhor. Já conseguia ler os livros de literatura e resumir os textos. Isso era motivo de orgulho para meus pais. Para mim era como se fosse mágico, saber tudo aquilo.

Oba! Estava no quarto ano, como estava contente, podia pegar livros literários na escola; sempre pegava alguns livros de contos de fadas, história em quadrinhos e outros. Neste período estava enfrentando um grande problema em casa: minha madrastra não me deixava em paz para ler, eu achava isso muito ruim e ficava muito triste. Pegava livro na escola para ler em casa, mas quando chegava não tinha como ler. Passei então a ler na escola, nos intervalos das aulas! Ufa! Quanta tranquilidade e magia que aqueles livros me traziam.

O quinto ano não foi um dos meus melhores anos. As aulas eram bastante difíceis, a professora era mais brava e o conteúdo bem

“puxado”. Nessa fase quase não pegava livros literários, dificilmente pegava algum. Comecei a ficar mais desleixada, posso assim dizer. Minhas leituras iam de mal a pior. Acho que outro problema também, na escola não havia biblioteca. Creio que tudo isso foi acumulando e eu fui ficando mais dispersa para a leitura de livros literários.

O sexto ano começou, e continuei sem muita empolgação. No começo sentia um pouco de vergonha, nem queria ler na sala de aula e nem mesmo pegar livros para levar para casa. Aos poucos fui acostumando à nova rotina da escola e comecei a fazer novas amizades. Havia uma biblioteca com muitos e variados livros, achava tudo aquilo encantador, ficava maravilhada com tantas variedades de livros a minha disposição. Sempre estava ali naquele ambiente maravilhoso; eu lia bastante, pois sempre acreditei que a leitura traz novos conhecimentos. Foram momentos bons que ficaram na minha memória até hoje, assim posso dizer que foi inesquecível.

Outras etapas da minha vida escolar que não foram tão boas são os períodos compreendidos entre o sétimo e o oitavo ano. Imagine o desânimo que eu tinha para ler! Nesta fase quase nem pegava livros e quando pegava, nas raras vezes que isso acontecia, não lia o livro na íntegra, lia apenas algumas páginas e logo deixava o livro de lado. Porém, não deixei esse desânimo tomar conta de mim. Já estava no final do oitavo ano, li um livro todo, na íntegra, totalmente. Ufa! Fiquei aliviada e ao mesmo tempo muito feliz, por saber que depois de certo tempo que não lia, havia conseguido ler um livro por inteiro. Terminei o ano muito contente.

O nono ano já foi outra história, comecei um pouco desanimada, mas na escola havia uma professora, a Wellyka, não era de língua portuguesa, mas ela gostava muito de ler e sempre falava de algumas leituras que fazia. Eu ouvia tudo com muita atenção, até que um dia ela falou sobre um livro que estava lendo e fiquei muito interessada

nesse livro. O nome do livro é “Violetas na janela”, pedi o livro emprestado. O livro tem uma história muito bonita, fiquei encantada. Depois dessa leitura despertei para outras, inclusive li outro livro: “Emil e os detetives”, não gostei muito da história, mas não importa, o bom mesmo foi que li e também li outros livros.

Confesso que esse ano de 2019 eu me esforcei bem mais nas aulas de língua portuguesa e nas leituras que a professora recomendava. Outro fato que também me fez refletir sobre a importância da leitura é estar participando dessa pesquisa, depois que comecei, fui percebendo o quanto a leitura é importante para mim. Melhorei bastante e espero continuar assim até chegar à faculdade, ou melhor, até ficar bem velhinha, pois quero continuar lendo e quiçá escrever muitas histórias.

Beatriz Caetano Souza – 15 ano
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 4**MEMÓRIAS E AVENTURAS DE LEITURA**

Olá, meu nome é Pedro, vou narrar aqui um pouco da minha vida de leitor. Bom, posso resumi-la em aprender a ler e escrever, foi assim que as minhas aventuras de leitor tiveram início.

O início de tudo isso começou na minha família, em especial com minha mãe e minha avó. Elas foram às principais responsáveis pelas minhas aventuras de leitura. Elas que deram os primeiros passos para me encaminhar no mundo mágico e encantador da leitura antes mesmo de eu entrar na escola. Como tudo começou? Vou explicar, ou tentar explicar. Recordo que minha avó sempre chegava em casa com alguns livros e me presenteava com eles. Ficava muito encantado, os livros tinham várias ilustrações e eram todos muito coloridos, e era justamente as imagens que chamava minha atenção.

Então, minha avó sentava comigo e me pedia para contar as histórias dos livros. E claro que ficava todo empolgado e até acreditava que sabia ler. Narrava as mais belas histórias por meio das imagens dos livros. Ela também contava histórias para eu ouvir, eram momentos especiais tanto para mim quanto para ela.

A minha mãe queria mesmo era que eu aprendesse a ler rápido, ela não era tão cheia de imaginação como a minha avó. Logo ela já me apresentou as letras e as palavras nos livros, soletrava cada sílaba e pedia para eu repetir com muita atenção. Naquele momento o que importava para mim era aprender a ler de verdade, que assim poderia ler os livros com minha avó. Ela também me ensinava a escrever,

mesmo com minha mão sendo tão pequeninha e não tinha muita coordenação, ela a segurava e juntos fazíamos os desenhos das letras. Minha avó muito cuidadosa e carinhosa sempre estava por perto, observando tudo e dando os melhores incentivos, me fazendo acreditar que era capaz de aprender tudo.

Logo chegou o momento de ir para escola; já estava com seis anos. Essa fase foi muito importante, pois seria o momento de conhecer novas pessoas e aprender um pouco mais. Assim que as aulas começaram, comecei a perceber que era o único que já sabia ler e escrever, porém não gostava de ler na sala de aula. A professora logo de início nos apresentou um livro e começou a lê-lo. E eu pensei, nossa! Agora vou mostrar que sei ler, mas infelizmente era muito tímido e não tive coragem de pedir para ler. Essa rotina de ler sempre acontecia na sala de aula e eu como sempre não tinha vontade ou coragem de ler na escola.

No segundo ano continuei com a mesma professora e ela, como de costume, lia alguns livros; também passamos a frequentar a biblioteca da escola. Eu continuava sem interesse de pegar livros para ler, quando acontecia de pegar algum livro, lia apenas algumas páginas e logo deixava para ir brincar. Quero deixar claro que sabia ler e escrever, minha professora me auxiliava bastante. Lembro muito bem que ela sempre dizia que a leitura era importante para nós.

Tenho poucas lembranças dos períodos compreendidos entre o terceiro, quarto e quinto ano, pois foi um período que me transferi de escola várias vezes. Então não consigo lembrar bem como foram esses momentos da minha vida escolar. Consigo recordar alguns momentos do quinto ano. Lembro que não havia muita leitura nos livros literários e nem visitas a biblioteca. Um fato que consigo recordar bem eram as idas na sala de informática, lá sempre jogávamos alguns

joguinhos relacionados com algum conteúdo que estávamos estudando no momento, principalmente matemática.

Recordo também o início do ensino fundamental II, íamos diariamente à biblioteca, principalmente no sexto ano. Nessa fase lia um pouco mais, eu lia mesmo era só na escola e quando estava na biblioteca ou a professora pedia para fazer leitura de algum livro. Mesmo o livro sendo recomendado pela professora, eu não o lia na íntegra.

Os momentos de leitura vivenciados entre os períodos do sétimo, oitavo e nono ano foram bons e que aconteceram várias leituras, tanto nos livros literários quanto nos livros didáticos. Algumas das leituras literárias foram feitas pelas professoras em sala de aula. Mesmo com todas as atividades que realizei em relação à leitura, não consigo escolher um livro para ler. Até mesmo quando estou na biblioteca, não leio, simplesmente folheio o livro, leio uma ou duas páginas e logo desisto da leitura.

Quero deixar claro que desde a infância fui motivado para ler, porém não consigo ser um leitor assíduo. Ler até leio quando estou na escola, leituras nos livros didáticos e outros materiais, mas pegar um livro literário ou outro e ler não faço isso. Até mesmo minha avó cobra a leitura, ela já percebeu que não me tornei aquele leitor que ela tanto se empenhou no passado.

Pedro Fernandes Pimenta – 14 anos
Aluno da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 5

UM CADERNO E MUITAS LEMBRANÇAS

Meu nome é Andriel, vou contar um pouco da minha história de leitura. Confesso que não é nada fácil narrar a minha trajetória, pois não foi nada simples para eu aprender a ler e escrever. Nossa! Como foi complicado aprender a ler, cheguei a pensar que não conseguiria me tornar um leitor. Bom, nem sei se posso considerar que sou um leitor, mas vamos lá para as minhas lembranças.

Minha história começou quando entrei na creche. Esse começo se deu com um caderno de receitas. Caderno este que foi dado de presente para minha mãe em comemoração ao dia das mães. Minha mãe recebeu o presente e veio me mostrar, naquele momento fiquei encantado ao folhear o caderno. Para mim foi fascinante. Sabem por quê? Na contra capa havia um poema todo ilustrado com várias figuras de crianças, mães e flores. A partir de então passei a ficar sempre com este caderno na mão, e o poema era o que chamava minha atenção, as receitas nem importava. O que eu queria mesmo era ler aquele poema, porém não conseguia, era muito pequeno e não sabia ler. Eu inventava histórias para as ilustrações, era como se estivesse lendo o texto.

O tempo foi passado e eu ali na creche fui aprendendo um pouquinho de cada coisa e uma delas foi ler e escrever meu nome. Sentia muito orgulho, mesmo sem saber ler, conseguia escrever meu primeiro nome.

A fase da creche passou e chegou a hora de ir para a escola. Minha mãe fez minha matrícula no primeiro ano do ensino fundamental. Foi nesse momento que me senti mais importante ainda, porque nenhum dos meus colegas sabia escrever o nome deles, e eu já sabia. A professora passava o nosso nome completo no caderno de caligrafia, além do nome algumas frases para nós reescrevermos. Leitura em livros literários eu não recordo da professora fazendo. Lembro de alguns dependurados como se fosse um varal na sala de aula. Um fato curioso era que esses livros ficavam lá, nem professora lia e nem nós, alunos, eu mesmo não tinha nenhum interesse em pegar um livro daqueles.

A leitura que eu tenho recordação era quando a professora sentava ao meu lado para ler as tarefinhas ou no momento da avaliação, ainda não sabia ler, somente escrevia. Ela lia e pedia para eu repetir tudo que ela lia, não gostava desse momento.

E assim conclui o primeiro ano, sem saber ler, e fui para o segundo ano. Nessa série também encontrei bastante dificuldade, mas logo comecei a soletrar algumas palavras. Havia começado e me sentir melhor, pois já conhecia algumas palavras e não precisava que a professora se sentasse ao meu lado. Nesta fase também não consigo recordar de leitura em livros literários. Acredito que tinha sim algum tipo de leitura na sala de aula, mas eu não me lembro de algo específico.

Um fato curioso aconteceu no terceiro ano, a professora não pedia para nós lermos em livros literários. Ela levava várias Bíblias para a sala de aula, aquelas pequenas, acho que era o Novo Testamento, e pedia para nós lermos um versículo ou um trecho, não lembro bem como era feito a leitura. Só me lembro que nós ficávamos uma aula mais ou menos lendo. Tínhamos que ficar em silêncio, logo após aquele tempo que ela tinha estipulado, pedia para uns três alunos ir

à frente da sala e ler em voz alta para os demais colegas. Também recordo que eu sempre era o mais escolhido para ir à frente ler. Outras leituras que me recordo dessa fase eram alguns textos que ela passava em sala de aula ou para levar como tarefa de casa, tínhamos que ler e reescrever o texto, acho que falava cópia, porque nós líamos e copiávamos o texto exatamente como ele era.

Das fases compreendidas entre o quarto e o quinto ano não consigo lembrar as leituras em livros literários. O que mais consigo recordar era leitura no livro didático. Funcionava mais ou menos assim, líamos o texto do livro e respondíamos as atividades. Essas eram as atividades de leitura mais frequentes na sala de aula. Outro fato também que não tenho muitas lembranças era as visitas a biblioteca, talvez por isso que eu não me interessava pela leitura e nem mesmo por pegar livros na biblioteca.

Quando fui para o ensino fundamental II, foi uma fase que tive mais contato com a leitura literária. Logo de início, no sexto ano, a professora nos apresentou o livro “Tosco”. Como fiquei encantado com essa história! Tamanho foi meu encantamento que fui pesquisar na internet para encontrar outro livro do mesmo autor, havia gostado muito daquele livro, então pensei que devia ter outros parecidos com esse. Nas minhas pesquisas encontrei o livro do mesmo autor, esse livro tinha o título “Caco”. Li a sinopse do livro e claro, gostei muito. Então fui procurar quem tinha o livro para me emprestar. Para a minha surpresa a filha da minha madrinha tinha o livro, e lógico que fui pedi-lo emprestado. Voltei para casa com o livro na mão todo empolgado e não fiz mais nada naquele dia até terminar toda a leitura, praticamente devorei a leitura em um único dia.

E nas séries seguintes não li mais, mas a professora de português sempre lia alguns livros na sala de aula para nós. Mas não sei qual foi o motivo que não me interessou mais em pegar livros para ler.

As únicas leituras literárias que tenho vivenciado nesses últimos anos são as leituras que a professora de língua portuguesa faz em sala de aula. Sem contar as leituras das outras disciplinas, pois sempre tem algum texto nos livros didáticos para ler. Mesmo com todos os incentivos que recebo não tenho realizado leituras em livros literários. O que tenho feito ultimamente em relação à leitura é somente leitura nos livros didáticos e outros textos que a escola sempre apresenta.

Quero deixar aqui registrado que na minha casa não fui incentivado à leitura, nunca ganhei dos meus pais um livro e nem me recordo de livros e revistas na minha casa, se tinha meus pais não liam. Talvez esse também fosse um dos motivos da dificuldade que tive para aprender a ler e não encontrar motivação para ler.

Andriel Herculano Mendonça – 14 anos
Aluno da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 6

A MAGIA DA LEITURA

Lembro como se fosse hoje dos momentos especiais vivenciados por mim e pelos meus primos na casa simples, porém, aconchegante da minha avó.

Infelizmente, devido às condições financeiras, minha avó não pode frequentar a escola porque precisava ajudar seus pais nas despesas do lar. Com isso, não aprendeu a ler e nem escrever. No entanto, tinha um dom de nos encantar através de suas histórias, as quais misturavam fatos reais e imaginários.

Esses momentos especiais aconteciam quando nossas famílias se reuniam na casa da vovó. Sentávamos em volta da mesa e aguardávamos ansiosos pelo momento de mais uma história, e essas histórias me faziam viajar e vivenciar um mundo diferente do real.

Hoje percebo o quanto essas histórias foram importantes para mim, entretanto, não foram suficientes para despertar o gosto pela leitura, pois não houve um incentivo maior por parte de minha mãe. Ela não tinha o hábito de ler e nem mesmo contar histórias, cresci num universo sem livros e, consequentemente, sem fantasias. As únicas fantasias que vivenciava eram com as histórias de minha avó, histórias essas contada oralmente.

A vida nos reserva doces surpresas, quando entrei na creche tive meu primeiro contato com os livros, era maravilhosas aquelas histórias contadas pelas professoras, me fazia lembrar dos momentos mágicos que vivenciei ouvindo as histórias contadas pela minha avó.

Ainda não sabia ler, mas para mim era espetacular ler através das imagens, era cada história inventada no meu mundinho de fantasia.

A partir desse momento da minha infância tudo mudou para melhor, passei a conhecer o mundo das letras e sílabas que, conseqüentemente, viravam palavras e com essas palavras me interessei a ler cada vez mais, afinal tudo era novo para mim.

Consigo recordar a minha primeira vez na biblioteca, foi incrível! Sabe, nunca tinha visto tantos livros, tantas histórias reunidas! Claro, fui logo procurando um livro de contos de fadas.

A partir desse momento meu lado como leitora começou a despertar. Achava muito interessante, porque na salinha do terceiro ano havia o cantinho da leitura. Havia o momento da aula em que minha professora, como minha avó, nos reunia para contar histórias diversas, fábulas, entre outras narrativas, contos que me encantavam cada vez mais. Recordo também que às vezes ia à biblioteca municipal, podia pegar livros e devolver no dia seguinte. Pegava alguns livros da Branca de Neve, Cinderela e outros.

Os anos foram passando e nunca me esqueci de um presente que ganhei do meu tio no meu aniversário, era uma Bíblia infantil. Imediatamente comecei a lê-la. Era uma Bíblia ilustrada e a passagem que mais gostava de ler foi quando Deus criou o mundo. Quanta perfeição em tudo que Ele fez! Minha mãe, percebendo meu interesse pela leitura, começou a me presentear com livrinhos de contos. Fiquei muito feliz! Lembro da primeira vez que a minha mãe leu para mim e meu irmão. Foi naquele momento que percebi que através do meu interesse pela leitura ela também despertou o interesse por essa prática: ler.

Quando entrei na escola em que me encontro hoje passei a ler mais. Tinha uma professora de língua portuguesa, Cirlene, que nos incentivava para lermos, principalmente em grupo. Mas de to-

dos os livros que ela recomendava, havia um que mais me chamou a atenção, era o livro do “Tosco”. Ah! Como era triste a vida daquele menino, personagem do livro, porém, ele se superou e conseguiu vencer na vida. Outro fato importante para minha formação leitora, que vem à minha memória, foi quando o espaço da biblioteca foi organizado melhor, então comecei a frequentar este ambiente mais assiduamente.

Neste ano já li uns três livros, têm um que mais gostei, o nome dele é “A distância das coisas”. Não pretendo parar com minha vida de leitora, pois acredito que a leitura vai influenciar no meu futuro.

Tive excelentes professores que me ajudaram. Inclusive quero agradecer as professoras Cirlene, Wellyka e Osânia. Muito obrigada! Agradecer também a Escola Agrícola Comendador João Marchesi, que foi e é uma escola maravilhosa, mostrou-me um mundo incomparável e mágico em todos os sentidos, tanto da leitura quanto para a minha vida cotidiana.

Marcela Vitória Gomes Rodrigues – 14 anos
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 7**LEMBRANÇAS DE LEITURA**

Falar da minha história de leitor é recordar do meu avô, pois foi com ele que entrei em contato com a leitura. Ele narrava histórias sobre muitos acontecimentos de sua vida, sendo que algumas eram fictícias.

Minha mãe e meu pai não tinham tempo de contar histórias e nem mesmo ler algum livro para mim. Meu pai trabalhava o dia inteiro e só voltava à noite e muito cansado. Já minha mãe tinha que cuidar da casa e do meu irmão mais novo, então não sobrava tempo para sentar ao meu lado e contar alguma história ou ler um livro.

Então, meu avô era um homem muito bondoso e gostava de contar histórias. E percebia que eu ficava muito sozinho na casa dos meus pais. Ele sempre me levava para casa dele e, como gostava de contar histórias, contava vários contos diferentes para mim. Gostava muito de ouvi-lo e prestava muita atenção em cada detalhe das histórias. A partir de então comecei a gostar de contar histórias também, não só de ouvir, mas também de narrar. Mesmo sem saber ler e escrever gostava de folhear os livros e inventar histórias por meio das imagens.

Minhas melhores experiências de leitura foram na escola. Foi lá, que consegui realmente aprender a ler e a escrever, mesmo com todo empenho do meu avô, foi só na escola que conseguir ler. Recordo-me da minha professora, era muito boa, sempre incentivava, para

que eu e meus colegas lêssemos sempre e nos motivava para que nos tornássemos leitores.

Consigo até recordar da sala de aula. Tenho aqui gravado na minha memória a imagem daquele ambiente. Havia vários livros dependurados na parede era como se fosse um varal cheio de roupas dependuradas, porém, ao invés de roupas havia vários livros. Esse varal de livros ficava à nossa disposição, podíamos escolher livros no momento da aula de leitura. Algumas vezes a professora pedia para ler em sala de aula e outras vezes deixava levar para casa. Esses momentos foram muito marcantes, eram ocasiões de aprendizagem e ao mesmo tempo de descontração. Isso tudo aconteceu nos primeiros anos escolares.

Quando paro para pensar na primeira fase de escolarização, existem uns momentos que não consigo recordar de aulas de leitura. Por exemplo, no 4º e 5º ano não vem nada na minha memória relacionado com leitura em livros literários. Não relembro nem na escola e nem mesmo em casa com minha família. Sei que na escola tinha momentos de leitura, porém, não me lembro de nada, talvez seja porque não foram tão marcantes como aconteceram nos anos anteriores.

A partir do início do Ensino Fundamental II, fui para uma escola de tempo integral, escola esta que ainda estou. Ah! Como gostei dessa escola e como gosto! Aqui conheci vários professores bons. Quero ressaltar que a professora que mais chamou minha atenção, ainda no 6º e 7º ano, foi a de Língua Portuguesa. Ela lia dentro da sala de aula, e nos permitia em certas ocasiões que nós saíssemos da sala de aula para ler na biblioteca e até mesmo escolher alguns livros para levar para casa.

Já no 8º ano foi outra professora, ela também gostava muito de ler na sala de aula. Levava-nos para a biblioteca para que pudéssemos escolher livros para ler em grupo com os colegas. Além disso, permi-

tia que lêssemos em algum lugar da escola que sentíamos a vontade para ler. Podíamos escolher o campo, o pátio, ou mesmo a biblioteca. Se por acaso não conseguíamos terminar a leitura podíamos levar o livro para casa. É importante falar que ela ainda continua ministrando aulas para mim e utiliza dos mesmos critérios para trabalhar com a leitura de livros literários.

Gabriel Arcanjo Silva Lima – 14 anos
Aluno da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 8

MEMÓRIAS DE PEDRO

A minha vida de leitor teve início quando tinha cinco anos de idade. Recordo-me que ficava na creche, porque minha mãe trabalhava. Mas consigo lembrar que foi minha mãe que me apresentou os primeiros livros que tive contato. Ah! Como esses momentos foram bons e especiais.

Lembro-me que minha mãe me pegava na creche e nós íamos para casa da minha avó. Ela me levava para o quarto, arrumava a cama e ali nos deitávamos e ela começava a ler várias histórias. Esses momentos eram especiais, uma vez que ela dedicava todo seu tempo somente a mim contando belas histórias dos contos de fadas. Tem um momento muito marcante, ela me deu de presente alguns livros bíblicos, fiquei muito feliz com esse presente.

A partir desse dia tive muita vontade de aprender a ler, pois queria ler cada texto que estava naqueles livros. As ilustrações eram as mais belas e coloridas. Mesmo sem saber ler, folheava cada um daqueles livros, imaginava várias histórias e narravam em voz alta como se estivesse lendo. Bom, eu acreditava que realmente estava lendo, todos os dias tinha o hábito de lê-los. Foram esses livros que fizeram com que me apaixonasse por leitura e iniciar minha vida de leitor.

Na minha casa o meu pai também contava várias histórias, não eram histórias dos livros, hoje acredito que eram contos que ele imaginava ou contos da tradição oral. Mas havia alguns momentos que

ele lia algumas histórias dos livros que eu também gostava muito de ouvi-las.

Durante o tempo que estava na creche não me sentia a vontade para pegar livros para inventar histórias como fazia em casa. Os momentos de leitura eram realizados pelas professoras para todas as crianças. A hora da leitura, para mim, era como se fosse mágico, apreciava muito as leituras que elas faziam.

O tempo passou e chegou a hora de ir para à escola. Estava muito ansioso para iniciar o meu primeiro ano e meu primeiro dia de aula, encontrar com a professora e conhecer novos colegas e claro, aprender mais e conhecer novos livros. Porém, com o passar dos dias fui percebendo que minha professora não lia livros literários, e também não recordo dela contando alguma história. O que consigo recordar eram as atividades no livro didático e tarefas no caderno.

Acredito que na primeira fase não tive professoras que me incentivasse a ler. As leituras em livros literários aconteciam de vez enquanto. Elas nos colocavam sentados no cantinho da sala e ali lia alguns livros, porém não recordo desse momento com muito entusiasmo. Penso que foi justamente neste período que fiquei um pouco desmotivado com a leitura. Outro fato também que aconteceu, foi que neste período estava morando com meus avôs e eles não cobravam a leitura em livros literários como minha mãe. O que eles cobravam eram as tarefas da escola. Por isso, esse período parece que ficou apagado em relação à leitura, e isso não foi bom. E foi justamente assim que conclui minha primeira fase de escolarização, posso dizer que sem motivação para leitura.

Quando iniciei o Ensino Fundamental II, minha avó fez minha matrícula numa escola de tempo integral e com formação agrícola. No início não estava muito motivado para estudar nesta escola, fiquei um pouco apreensivo, pois meus colegas falavam que não era

uma escola muito boa. Porém, assim que iniciou as aulas percebi que a escola não era um local como meus colegas haviam descrito. Achei os professores bons, gostava deles e da maneira como eles trabalhavam as atividades.

Um ponto positivo foi que encontrei motivação para voltar ler. A professora de língua portuguesa me motivou e mostrou que a leitura poderia ser algo bom, assim como tinha conhecido na minha infância com minha mãe. Ela sempre lia em sala de aula para todos os alunos. Teve um momento muito marcante em uma das aulas, ela levou para a sala de aula alguns livros para nós lermos. Um dos livros chamou muito a minha atenção, o nome dele era “Tosco”. A partir de então, todas as aulas tirávamos um tempo para fazer a leitura do livro, e assim foi até concluirmos a leitura completa. Eu, claro, fiquei muito empolgado, depois de muito tempo havia conseguido ler um livro na íntegra.

Outro fato marcante foi que a partir do 8º ano, outra professora de língua portuguesa começou a dar aula na minha turma, ela também gostava, ou melhor, gosta de ler em sala de aula. Ela ainda está ministrando aulas na minha sala. Sempre lia e lê para nós nas aulas dela. Ela está sempre disposta a tirar um momento para fazer leitura de algum livro. Além disso, nos leva sempre para a biblioteca e nos recomenda livros.

Posso dizer que com tantos incentivos eu não consigo ser aquele leitor que pega livros para ler. Leio às vezes quando a professora pede para ler algum livro. Porém, o que mais faço em relação à leitura é ler textos nos livros didáticos e principalmente os que estão nas avaliações e isso acontece na escola, em casa são raras as vezes que leio algum livro.

Sei que não sou aquele leitor que minha mãe sonhou e gostaria que fosse. Mesmo com todos tentando me incentivar, tanto família

quanto a escola, não consigo ler como na minha infância. Pretendo a partir de agora me esforçar para retomar aquele leitor bastante entusiasmado que fui quando criança.

Pedro Henrique Pereira Andrade – 15 anos
Aluno da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 9

UMA HISTÓRIA DE LEITURA

Bom, para relatar minhas experiências com a leitura, antes mesmo quero dizer que fui alfabetizado em outra língua, em espanhol, até mesmo meus primeiros contatos com os livros foram nessa língua. Meus pais moravam na Espanha. Meu pai é espanhol e minha mãe é brasileira. Quem lia mais para mim era meu pai. Quando vim para o Brasil, ainda criança, encontrei dificuldade tanto na escrita quanto na leitura. Foi necessário, meus pais contratarem uma professora particular para me ajudar com a língua portuguesa.

Antes mesmo de entrar na escola, em casa com meus pais, tive meus primeiros contatos com a leitura. Foram momentos marcantes e de grande importância para minha formação leitora.

Minha mãe foi a primeira pessoa a me apresentar o mundo letrado, foi ela que deu início em tudo. Recordo muito bem, que perto da minha casa havia um supermercado, não consigo lembrar o nome, mas me recordo da cor, era vermelho. Foi nesse supermercado que minha mãe comprou um pacote que tinha várias letras. A partir de então ela começou a me mostrar as letras e a montar as palavras. Pedia para eu soletrar letra por letra. Isso jamais esquecerei.

O meu pai até tentou a apresentar as letras, porém, logo desistiu e deixou essa tarefa para a minha mãe. Ele gostava mesmo era de ler livros para mim. No meu quarto tinha uma estante com muitos livros de literatura infantil, lembro que tinha “Os três porquinhos”, “Os três reis magos”, entre outros, lembrando que todos eram em espanhol.

Toda noite antes de dormir, meu pai lia um livro para mim, isso era uma rotina na minha casa. Hoje sempre falo, meu pai lia os livros e minha mãe me ensinou a ler. Tudo isso aconteceu na Espanha.

Foi aqui no Brasil que iniciei minha vida escolar. Lembro-me do meu primeiro ano, minha professora não lia livros e nem mesmo nos levava para a biblioteca. O que consigo recordar era que fazíamos atividades na apostila e no caderno. Os textos que consigo lembrar eram apenas das apostilas. E também não havia livros para ler em casa, o que tinha mesmo eram as tarefas de casa nos cadernos e nas apostilas. Isso é o que consigo recordar, creio que talvez houvessem momentos de leitura, mas não me lembro dessa prática realizada pela professora.

Na primeira fase de escolarização não houve momentos que pude apreciar a leitura de textos literários como era na minha casa. Sei que houve leituras realizadas pelas professoras nesse período escolar, porém penso que não foram muito significativas para mim, pois não recordo de praticamente quase nada.

Já na segunda fase do ensino fundamental II, também não encontrei motivações para ler, mesmo a escola apresentado alguns raros livros, eu não conseguia ler. Na escola as atividades que eram mais realizadas em relação a leitura eram nos livros didáticos e alguns textos xerocopiados.

Antes de ser transferido para a escola que estou hoje, estudava em uma escola que nas aulas de língua portuguesa não tínhamos o hábito de ir para a biblioteca, porém, ela ficava aberta no intervalo das aulas, ou seja, no recreio, para quem quisesse pegar livros e levar para casa, ou mesmo aproveitar aqueles minutinhos do intervalo e ler ali mesmo. Ainda assim, eu não frequentava a biblioteca, às vezes passava por lá somente por passar.

A partir do momento que entrei para a escola que estou hoje,

isso no 8º ano. Percebi algo de diferente com relação à leitura. A professora de português lia para nós na sala de aula e também nos levava para a biblioteca para escolhermos o livro que quiséssemos para ler na escola mesmo. Claro que sempre escolhia algum livro para ler, mas não lia o livro como deveria ser. Muitas vezes enrolava com esse livro na mão e não a lia. Essa rotina acontecia praticamente toda semana nas aulas de leitura. Gostava desse momento, era um momento de descontração e, além disso, podíamos escolher um local dentro da escola para ler e com isso saímos da rotina da sala de aula.

Como o passar dos dias as aulas de leitura passaram a acontecer mais em sala de aula que na biblioteca. A professora iniciava a aula com a leitura de um livro, também realizávamos atividades de leitura com textos xerocopiados. Percebi que a professora mudou a rotina das aulas de leitura, talvez fosse porque nós, os alunos, não estávamos desempenhando as atividades de leitura satisfatoriamente como ela planejava, pois alguns liam e outros não é isso atrapalhava o andamento das aulas de leituras.

Hoje percebo que foram vários os momentos oportunos que tive para me tornar um leitor, em especial de texto literário, porém, não consigo ser aquele leitor que deveria ser mesmo por todos os processos que passei na vida estudantil e familiar.

Keuven Cristian Hito Campos – 14 anos
Aluno da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 10

DOCES LEMBRANÇAS DE LEITURA

Olá, meu nome é Maria Rita! Vou narrar para vocês a minha história de leitora desde o início.

Bom, tudo teve início na minha casa com a minha mãe. Foi ela que me apresentou alguns livros e revistas. Recordo bem que ela sempre me mostrava nas revistas algumas palavras e pedia para eu ler, como não sabia ler ainda, ela ensinava letra por letra até conseguir formar uma palavra.

Lembro do início da minha escolarização, estava com seis anos de idade, tinha muita curiosidade e vontade de ler todos os livros que encontrava na escola. A partir deste momento minha mãe percebeu minha empolgação e logo comprou três livros e me deu de presente.

Ah! Não posso esquecer-me de minha madrinha que também contribuiu para minha formação leitora. Ela era uma grande incentivadora. Sempre que ela ia me visitar, apresentava alguma coisa diferente referente a algum livro. Hoje percebo que tudo que ela fazia era para ajudar eu ler os livros que minha mãe havia me dado.

Outro fato da minha história de leitura era que estudava na mesma escola que minha mãe trabalhava, isso era muito bom. Sempre que íamos embora ela pegava alguns livros na biblioteca para levar para casa. Um dos que consigo lembrar era do Monteiro Lobato. Assim que chegávamos em casa logo ela começava a ler os livros. E as que mais marcaram foram às histórias dos livros de Monteiro Loba-

to, não consigo recordar qual história, mas sei que gostava muito de ouvir-la narrando àqueles textos.

No decorrer da primeira fase do ensino fundamental I eu era bastante empolgada para todos os tipos de leitura. Recordo de ir à biblioteca para pegar livros até mesmo quando a professora não recomendava. Nessa fase realmente gostava muito de ler.

O tempo passou e entrei para o 6º ano. Cursei o 6º e o 7º ano em outra escola. Lá a biblioteca era aberta no intervalo do recreio e podíamos entrar para ler o livro que nos interessava e também levar para casa. Eu sempre estava lá, lia alguns livros na biblioteca mesmo e outros eu levava para casa. Essas leituras eram feitas sem compromisso e cobrança da escola. Penso que gostava desses momentos justamente porque não havia cobrança.

Consigo me lembrar de uma leitura obrigatória que também me agradou muito. Já estava no 7º ano quando o professor nos levou um livro, cujo título era “Caco”. Tínhamos que ler para fazer uma apresentação. Mesmo assim achei a leitura super interessante e essa experiência foi muito boa, pois me mostrou que as leituras obrigatórias também são boas.

Um período que sempre vai ficar marcado na minha memória será o 8º ano e o 9º ano. Foi uma o período que me transferi de escola e nesta escola encontrei professores, não só de língua portuguesa, mas também os outros, que incentivaram a ler e sempre falavam e falam para eu pegar livros. A partir de então, acredito que passei a gostar mais de leitura. Sempre vou ter orgulho de dizer que as escolas, em especial duas, a escola Soraya que cursei toda minha primeira fase e a Escola Agrícola que iniciei o 8ª ano. Foram as que mais contribuíram com minha formação leitora. Além da escola, não posso deixar de dizer que a minha mãe e a minha madrinha foram pessoas que também me ajudaram bastante.

Atualmente percebo que os livros não estão me interessando tanto quanto antes. Isso vem acontecendo devido ao fato das tecnologias cada vez mais acessíveis a todos nós. Na maioria das vezes, me pego mais com o celular na mão do que um livro. Lógico, leio no celular, porém, são leituras supérfluas que não acrescentam em nada.

Essas são um pouco das minhas memórias de leitura que consigo lembrar. Minha história de leitora teve início na minha família, com três livros que ganhei de presente da minha mãe. Quero deixar claro que ainda tenho guardado esses livros, pois foi a partir deles que comecei a me aventurar pelo mundo da leitura. São livros que guardo com todo carinho, penso eu que irei guardá-los até encontrar alguém que eu realmente acredito que fará deles o mesmo que eu fiz, lê-los e saber a importância que a leitura tem. E a minha história continua e continuará, ainda irei ler muitos livros e terei novas aventuras para contar.

Maria Rita de Araújo Faria – 15 anos
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 11

HISTÓRIA DE LEITURA: ENCANTOS E DESENCANTOS

Minha história de leitura é anterior à escola. Minhas lembranças da infância e dos momentos que apresentaram o primeiro livro me remetem a minha mãe. Tudo teve início com ela.

Quando me refiro a minha mãe como minha principal incentivadora da leitura, não é porque ela é uma leitora, na realidade ela é analfabeta, mas sempre me aconselhava da importância do ato de ler. As histórias que ela narrava eram da sua própria vida, histórias reais, das dificuldades que teve na sua época de não poder frequentar a escola. Mesmo sendo uma criança tinha que ajudar os pais na lavoura para ajudar no sustento da família. Com todas essas dificuldades, o sonho de ir para escola foi ficando para trás. A leitura que ela tem e a leitura de mundo dos fatos reais aconteceu durante a sua infância.

Porém, com todas as limitações que minha mãe tinha e tem em relação à leitura, sempre me deu os melhores conselhos. Comprava livros infantis para me incentivar a ler. Hoje, quando me recordo destes momentos, eu consigo compreender o motivo que ela pagava um professor para ler os livros para mim e também para me ensinar a ler.

Quando completei a idade de ir para a escola, já tinha um pouquinho de conhecimento. Conhecia algumas letras, conseguia ler pouco, mas já lia e também escrevia meu nome. Isso para mim era uma glória, me sentia importante, já sabia ler e escrever meu nome, mesmo que pouco, mas sabia!

Recordo-me de um fato sobre leitura na escola, sempre a professora entregava um livro para ler em casa. O Fernando, este era o nome do professor que minha mãe pagava, como sempre continuava me ajudando. Sentávamos e ele lia, logo em seguida pedia para eu ler também. Eu com todas as minhas limitações, lia. Após essa troca de experiências, era a vez de ler para minha mãe. Essa era uma hora muito feliz, pois iria fazer a leitura para minha mãe! Aquele momento se tornava sublime, até sentia fazendo parte dos personagens da história. Se a história era de princesa, sentia a própria princesa do texto, e assim com todos os personagens. Cada dia me transformava em um dos mais importantes personagens dos contos de fadas.

Ainda na primeira fase do ensino fundamental I, não consigo lembrar a série, recordo que cada dia da semana uma criança levava uma espécie de bolsa, toda enfeitada com vários personagens dos contos de fada para casa com um livro. Como era bom o dia que chegava minha vez. Voltava para casa todo empolgada com aquela bolsa e o livro. Em casa, lia o livro para minha mãe e o Fernando. Claro, que nessa fase já sabia ler!

No dia de devolver o livro tinha que contar para todos os colegas e a professora sobre o livro, o que tinha conseguido compreender do texto. E o bom de tudo isso, que quando um colega contava a história de um livro, se algum dos alunos interessasse pelo livro podia levar para casa. E em casa, com mais calma poderia desfrutar de todos os detalhes da história. Esse momento da minha vida estudantil foi muito importante, lia muito e como disse anteriormente, entrava na história e me sentia os próprios personagens.

Quando comecei no ensino fundamental II, já não tinha mais tanto apoio em casa, mesmo levando um livro ou outro para casa já não conseguia ler como antes. Esse momento foi bem difícil para mim em relação a minha família. Na verdade, eu conseguia ler alguns

livros durante o tempo que estava na escola, mas não era sempre que conseguia. Esses acontecimentos fizeram com que eu perdesse um pouco da vontade de ler.

Hoje, com a tecnologia cada dia mais avançada, optei por baixar alguns livros no meu celular e ler, porém isso não é sempre, uma vez ou outra. Já não levo mais livros de literatura para casa e nem mesmo consigo ler na biblioteca. Leio alguns livros quando a professora recomenda, mas isso também não acontece com frequência. Não consigo me considerar uma leitora como antes.

Edilene Vitória Nunes Lima – 14 anos
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 12

RECORDAÇÕES

Meu nome é Livia Vitória, tenho 14 anos e vou narrar um pouco da minha vida de leitora, de como tudo teve início e como estou hoje!

Primeiramente quero falar um pouco sobre meus pais, para vocês entenderem como foi minha formação leitora na minha família. Infelizmente eles não tiveram a oportunidade de estudar, ao invés de estudar foram trabalhar. Somente meu pai que consegue ler e não é uma leitura das melhores.

Cresci com minha mãe contando histórias para mim. Era muito bom ouvi-la, ela pegava um livro e folheava e ia contando a história e mostrando as imagens, aquilo me encantava, era cada história mais linda que a outra. Eu, inocente, pensava que ela sabia ler. E ficava imaginando que também queria aprender a ler para contar histórias iguais a ela, mas mesmo sem saber ler, pegava os livros e narrava as histórias através das imagens; claro que contava a mesma história, ou melhor, tentava recontar da mesma maneira, fingindo que estava lendo.

Porém, o tempo passou, eu cresci e descobri que minha mãe não sabia ler. Mesmo ela não sabendo ler me incentivava sempre, estava sempre do meu lado, aconselhando, dizendo que era para prestar atenção nas letras e ir tentando juntar as sílabas que conseguia formar palavras.

Fui para creche com nove meses de idade, meus pais precisavam trabalhar e não tinha como ficar em casa. Minha mãe con-

ta que eu era muito conversadeira, igual uma “maritaca”. Ficava olhando as imagens dos livros e contava histórias para meus primos. Fiquei na creche até meus cinco anos, saí de lá para iniciar o ensino fundamental.

Já no 1º ano fiquei mais tagarela ainda, conhecia os animais, as cores, as letras, minha mãe fala que eu gostava de inventar história e cantar musiquinhas. No 2º ano, melhorei minha leitura, aprendi muito com a professora Ana. Estava com sete anos, era muito legal, pois já podia ler os livros, isso era emocionante para mim. Não precisava mais de inventar as histórias, a professora havia ensinado o som das sílabas e depois a formar palavras. Lembro-me que ela colocava no quadro assim: CO-RA-ÇÃ-O e pedia para nós repetirmos. Não gostava de ler em voz alta, talvez seja porque ainda não me sentia segura para ler. Bom mesmo era quando ela passava aqueles livrinhos que tinha uma frase em cada página para nós lermos. Ah! Esses sim, amava lê-los. Outros livros que também gostava muito, eram aqueles que abríamos e a imagem subia, acho que é alto relevo, ficava encantada com esses livros.

No meu 3º ano tive outra professora, o nome dela era Ana Maria, era brava. Gostava de fazer leitura compartilhada na sala de aula, e fazia muito. Todos os dias levava um livro diferente para nós lermos. Porém, para acreditar que realmente havíamos lido o livro, ela pedia para nós contarmos a história do livro, penso que era uma espécie de resumo, e assim fazíamos, contava sobre o livro e o que tínhamos conseguido entender.

Nas séries seguintes, já estava boa para ler, recordo em especial do 5º ano, me considerava muito boa para ler, lia de tudo. Minha professora era a Joana, ela não lia muito, mas pedia para nós fazermos leitura. Lembro que havia um dia da semana era só para leitura, ou seja, ficava a maior parte da aula reservado para leitura. Ficávamos

de dois em dois lendo, depois de um tempo que estávamos reunidos no fundo da sala lendo os textos, a professora chamava um aluno de cada vez e pedia que lesse para ela ouvir, era como se fosse para ela saber se estávamos lendo corretamente.

Na sexta-feira, era muito bom, ou não. Esse era o dia de levar um livro para casa. Consigo recordar que gostava de levar o livro para ler, mas na segunda-feira tinha que devolver o livro e contar para todos os colegas sobre o livro. Tínhamos que ficar de pé na frente de todos falando. Ah! Como era vergonhoso! Eu tinha muita vergonha de ficar ali falando sobre o livro, essa era a parte ruim.

Conclui a primeira fase do ensino fundamental I e fui para outra escola, escola esta de tempo integral e com formação agrícola. Recordo que no 6º ano sempre estávamos indo a biblioteca, amava ficar lá lendo, amava também o livro “Nascido a meia noite”. Esse livro era meu, mas levava para escola para ler durante o intervalo do almoço. Lembro de uma professora que era muito exigente com tudo, até para falar, e com a leitura então... Ela fez um projeto sobre leitura e trabalhou com o livro “Tosco”, todas as aulas dela tínhamos que ler algumas páginas do livro. O nome dessa professora é Cirlene, e foi com ela que perdi a vergonha de ler em voz alta, passei a gostar de ler para todos ouvirem. Acho que o interessante desse projeto foi justamente por esse fato, e claro, o livro que era muito bom!

A professora Cirlene continuou com a nossa turma no 7º ano e mais leituras vieram. Tenho em minha memória alguns livros do Monteiro Lobato que ela trabalhou, não consigo recordar o nome desses livros, mas sei que tinha Emília e outros personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo; sei que gostei demais desses livros, para mim foram os melhores. Estes foram momentos bem marcantes na minha trajetória de leitora, cada um contribuindo a sua maneira para minha formação.

Assim foi passando o tempo de escola, veio o 8º ano e hoje estou no 9º ano. Outra professora de língua portuguesa começou na nossa turma, mas também não deixando de lado a leitura. Sempre cobra de nós, lê em sala de aula, organiza aulas para que nós possamos cada dia ser melhores na leitura. Sei que gosto de ler, mas não são todos os livros ou gêneros que me chamam a atenção, mas quando encontro algum que gosto eu leio.

Lívia Vitória Santiago dos Santos – 14 anos
Aluna da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.

RELATO 13

INSPIRAÇÃO

Se essa rua, se essa rua fosse minha... Na verdade, era minha, fazia parte do meu dia a dia, da minha história, da minha vida. Não era uma rua cheia de encantos, de flores e de alegria, mas diante da minha imaginação se fazia mágica e se tornava encantadora. Por ela, eu passava todos os dias, ligava a minha casa a escola, dois mundos diferentes.

Sempre, quando saía de casa para ir à escola, mamãe ficava olhando até passar o portão. Ia cantando pela rua. Cantar era o que mais gostava de fazer.

A escola era outra paixão, quando minha irmã mais velha iniciou sua vida escolar, queria ir com ela, porém não tinha idade, somente no ano seguinte poderia frequentar as aulas.

Finalmente, chegou a minha vez de ir à escola. Que fantástico! Era um mundo totalmente novo. Havia vários alunos divididos em duas salas. Comecei no “pré-fraco”, sim, esta era a nomenclatura, sala multisseriada. Sentávamos em duplas. As carteiras eram dispostas em filas. Todos usavam uniforme branco e azul. Impressionante! Como ficávamos bonitos naquele uniforme. Bem, era o que eu achava. Infelizmente, não me recordo de todos os detalhes, mas alguns deles ainda permanecem no meu pensamento.

Como fui instruída em casa por minha mãe e já sabia escrever e ler, pouco, mais sabia, no meio do ano, passei para o “pré-forte”. Achei o máximo, pois os meus conhecimentos estavam além. Já

conhecia as letras, algumas sílabas e família de palavras. Quando mamãe ia ensinar minha irmã, eu acompanhava a realização das atividades de casa, gostava muito, apesar de não frequentar a escola, achava o máximo participar desses momentos. Aprendia muito, às vezes respondia primeiro que minha irmã, sem contar que pintava as atividades dela. Como disse, apesar de tantos afazeres domésticos, minha mãe encarregava de nos ensinar, pois acreditava que por meio do conhecimento, seríamos capazes de conquistar oportunidades melhores na vida, e diante dessa reflexão, crescemos e vivenciamos melhores oportunidades.

Alguns anos atrás, minha mãe lecionava nessa escola, porém para continuar, precisava retomar os estudos em outra cidade. Minha avó não permitiu que saísse da pequena São Pedro. Devido aos padrões ainda vigentes naquela época, mulher era criada para zelar de casa, dos filhos e marido.

Hoje, vejo que sendo professora, realizei um antigo sonho da minha mãe. Em conversa sobre a escola e minha rotina em sala de aula, sempre falo das dificuldades encontradas, e ela com palavras sábias me enche de entusiasmo e me faz acreditar numa educação melhor. Educação essa, que sobrevive a tantos descasos.

Decorrente da pouca idade, sem ideia da realidade, vivia e aproveitava tudo ao meu alcance. Entretanto, era visível a real situação daquela pequena escola. Sala lotada, uma professora para fazer milagres, e que milagres! Dona Magnólia usando de suas experiências fazia das aulas um lugar cheio de imaginação, sempre realizava leitura em sala, ora para lazer, ora para ser trabalhada em atividade de leitura e interpretação. Adorava vê-la lendo, com sua voz doce, viajava no mundo que se fazia presente em meus pensamentos. O mundo encantador da leitura ficou ainda mais interessante quando eu aprendi a ler as palavras reunidas. Assim,

iam mais longe as minhas imaginações. Vivia cada dia uma história diferente. Nesse universo fui tantas vezes princesas e acreditava no feliz para sempre.

Dona Magnólia tinha um abraço tão acolhedor que era impossível não se entregar aquela chuva de carinho. Sua mesa parecia uma exposição com tantos agradinhos que levávamos, só para vê-la sorrir. Era mais que uma professora, era amiga, mãe, médica, psicóloga... Exercia sua função com tanta dedicação e carinho que sempre será lembrada por muitos dos alunos que puderam conviver e aprender com essa mulher incrível.

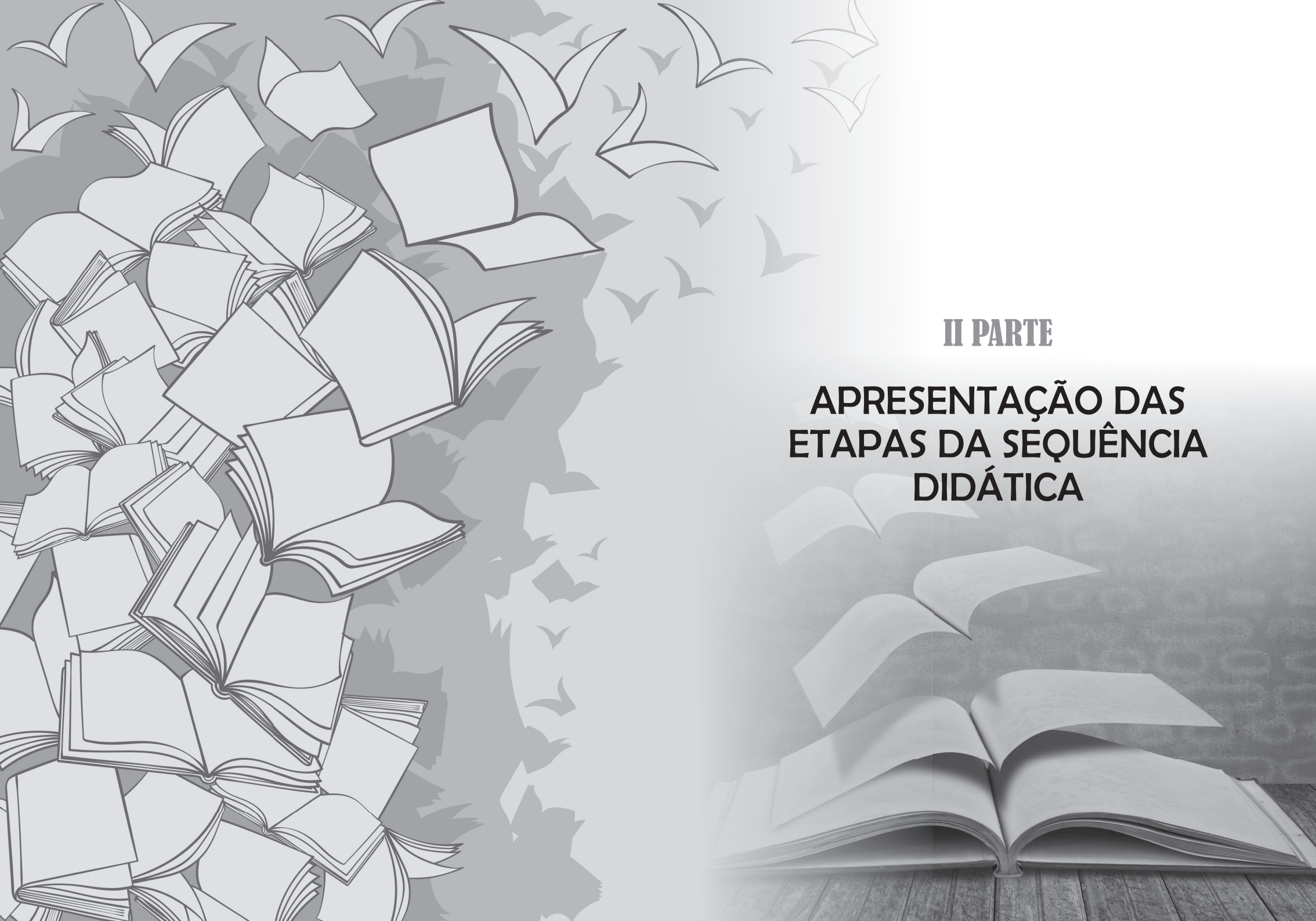
O tempo foi passando e muitas coisas aconteceram. Várias professoras passaram por minha vida escolar. Mas confesso que algumas delas durante esse caminho, fizeram com que a leitura tornasse algo massacrante e obrigatório, com isso fui perdendo a vontade de ler. Essa vontade só foi recuperada na Universidade. Confesso que no início da faculdade, a leitura continuava por obrigação, depois por inspiração de uma excelente professora, Vera Lúcia Paganini. Li muito durante os quatro anos do curso de Letras. Ah! Saudosos tempos! Díficeis, entretanto com muito aprendizado. Como se esquecer de Bruno Bettelheim, José Saramago, Aluísio de Azevedo (O Mulato), entres vários outros escritores.

A todo o momento, como professora e pessoa, vejo-me inspirada nessas mulheres que fizeram parte da minha vida. Carrego o carinho, a alegria e a dedicação de Dona Magnólia, o profissionalismo de Vera Lúcia Paganini, o acreditar, a persistência e o sonho de minha mãe, para o universo escolar. Em conversa em sala de aula com meus alunos, me pego dizendo as mesmas coisas que mamãe dizia “o conhecimento nos oportuniza a viver caminhos diferentes”. Ao realizar leitura em sala, sinto-me dona Magnólia e por fim, ao repassar a importância da leitura, me faço Vera Lúcia Paganini.

Durante estes dezessete anos de profissão tenho vivenciado muitas experiências incríveis com meus alunos. E sem dúvida, a melhor delas é quando eu consigo despertar no educando o gosto pela leitura. Não é uma tarefa fácil, mas sigo firme nessa jornada. Pois, ao escolher essa missão sabia que não seria nada tranquilo, pelo contrário, encontro muitos obstáculos e vejo que através do nosso comportamento e atitude somos capazes de transformar vidas e pensamentos de muitos que encontramos em sala de aula.

Que no decorrer da minha profissão, eu seja lembrada com o mesmo carinho e admiração que tenho pelos educadores que fizeram parte da minha vida.

Osânia Gonçalves do Couto
Professora da Escola Agrícola C. J. Marchesi
Jussara/2019.



II PARTE

APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Minha pretensão para este Produto Educacional é disponibilizar, aos professores da Educação Básica, uma metodologia para trabalharem com a formação de leitores, em especial do leitor do texto literário.

Por meio do diálogo que estabeleço com os/as participantes da pesquisa, buscando resgatar as memórias de leitura, levo-os a refletirem sobre seus trajetos da formação leitora desde a primeira infância, no seio familiar e nas escolas por onde estudaram. Os caminhos que trilhei para desvendar a caminhada deles enquanto leitores do texto literário, deixei registrados aqui, com a intenção de contribuir com os professores.

Assim, proponho um diálogo também com os educadores, na busca de caminhos para que eles possam conduzir o trabalho com esse envolvente tipo de texto – o literário – em sala de aula, com breves reflexões acerca do gênero textual, em específico do gênero memórias de leitura. Nelly Coelho (2000, p. 10) diz que: “Literatura é *arte* e, como tal, as relações de aprendizagem e vivências, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do *eu* + o *outro* + *mundo*, em harmonia dinâmica)”. Em relação a essa constituição, pode-se dizer que a literatura é uma das artes fundamentais, uma vez que sua matéria primordial é a palavra. Imaginar, pensar, ter ideias, são justamente essas especificidades que diferenciam e determinam o ser humano. Além de que, sua ação como ferramenta de formação do sujeito está ligada a uma das atividades essenciais

do ser humano que vive em sociedade: a leitura, mais especificamente a literária.

Esta segunda parte do livro traz uma sequência didática desenvolvida com o propósito de incentivar a vivência de uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais. As atividades aqui propostas favorecem o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita que devem ou deveriam fazer parte do cotidiano escolar. Assim, ao desenvolver esta sequência didática, o/a professor/a estará também, trabalhando com o componente curricular de Língua Portuguesa.

Para desenvolver as atividades em sala de aula com o gênero memórias utilizei a metodologia da sequência didática tal qual propõem Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004). De acordo com esses autores, a SD “tem, precisamente a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um gênero* de texto, permitindo-lhe assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 83). Assim, as atividades foram desenvolvidas passo a passo conforme a proposta desses autores.

Cabe destacar que o desenvolvimento por etapas das atividades permite que o aluno, ao produzir seus próprios textos, vá se apropriando gradualmente das características dos gêneros estudados, discursivamente e linguisticamente. Outro aspecto que deve ser considerado, pela escolha de trabalhar com SD, é que ela apresenta caráter modular, e isso possibilita ir reconfigurando a maneira de trabalhar com o conteúdo, pois à medida em que surgem as dificuldades dos alunos, elas vão sendo identificadas. Essa probabilidade de reorganização contínua do trabalho propicia um direcionamento às dificuldades dos alunos.

A Sequência Didática aqui proposta está voltada para trabalhar com o gênero memórias. Cada Oficina de Construção/Produção de

Memórias foi organizada para tratar de um tema. As atividades foram planejadas para tratarem do gênero memórias etapa por etapa, e organizadas de acordo com os objetivos propostos para alcançarem a aprendizagem, envolvendo atividades de aprendizagem e de avaliação.

Quero ressaltar aqui, que há uma grande preocupação com relação à leitura literária em sala de aula, os meios utilizados em sua maioria para desenvolver a habilidade leitora dos alunos são os livros didáticos, nos quais ocorrem a fragmentação dos textos. Assim, fica difícil de promover o desenvolvimento de tais habilidades. Soares (2011, p. 25) diz que “a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados”. Nesse sentido, cabe questionar como formar leitores ou disseminar a leitura com apenas fragmentos de textos literários. Leitura em textos fragmentados não possibilita a experiência do leitor com o texto literário, sem essa experiência na íntegra não há possibilidade da fruição estética. No entanto, dada a exiguidade do tempo, tive que utilizar fragmentos de textos literários, uma vez que tinha um cronograma a cumprir para desenvolver as etapas das Sequências Didáticas. Porém, para minimizar essa escolha, foram apresentados aos/as alunos/as os textos originais de onde foram extraídos os fragmentos.

FICHA DE APRESENTAÇÃO

Título	Sequência Didática para trabalhar com o gênero textual, “Relatos de Memórias”.
Pesquisadora	Warlete Cristina de Oliveira
Escola Campo	Escola Agrícola Comendador João Marchesi
Município da escola	Jussara-Goiás
Orientadora	Profª. Drª. Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira
Área do conhecimento	Língua Portuguesa
Público Alvo	Alunos do 9º ano e professor de Língua Portuguesa
Apresentação da pesquisa	O objetivo dessa sequência didática parte dos pressupostos teóricos baseados nos estudos de gêneros do discurso de Bakhtin (2011) e da proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que tem como intuito levar os/as alunos/as a se apropriarem (e também a reconstruírem) uma prática de linguagem sócio historicamente estabelecida. Essa reconstrução de uma prática social se produz por meio de uma prática de linguagem, corporificada nos gêneros do discurso. Nessa perspectiva, as oficinas se pautam nos estudos dos gêneros do discurso e será realizada sobre o gênero “memórias literárias”. O trajeto escolhido para as oficinas é a construção de memória, sendo que esta construção se trata de um ato consciente, permeado de lembranças, valores sociais e discursivos. E, nessa perspectiva, observar o que revelam as memórias de leitura dos alunos/as e do professor/a de português, o modo como veem a leitura e que funções sociais atribuem a ela.

PRIMEIRA ETAPA

REMOMORANDO

1. Introdução ao gênero - Apresentação da situação

A partir dos estudos dos gêneros do discurso, propus trabalhar nas oficinas com o gênero: relatos de memórias. A pesquisa tem como objetivo resgatar as memórias de leituras dos/as alunos/as e da professora de língua portuguesa do 9º ano, anos finais do Ensino Fundamental. Entendo que o trabalho com memória torna possível resgatar as memórias de leitura dos participantes, pois, assumindo o papel de pesquisadores(as), serão capazes de traçar sua própria trajetória de leitura, por meio de análise da própria história de vida.

O trabalho com rememoração é uma estratégia de resgatar as percepções de leitura dos/as participantes e conseguir alcançar uma visão mais ampla de seus históricos como leitores, sendo assim, o passado passa a ser não somente conhecido, mas entendido e sentido pessoalmente. No entanto, essas atividades de rememoração constituem um ato desafiador, trabalhar com memórias de adolescentes não é tido como comum, porém eles serão desafiados a resgatarem suas lembranças de leituras e interpretá-las no presente e desta forma, conseguirão compreender seu passado.

A memória não está pronta e acabada, por isso, trata-se de construção de memória, pois ela é construída nas relações com o outro, a partir do momento em que se revive o passado, se passa a in-

vestigá-lo por meio de narrativas e objetos que trazem à tona aquilo que estava guardado em algum lugar distante.

2. Percurso da pesquisa: em diálogo com os/as participantes

Para iniciar o trabalho com rememoração, primeiramente é necessário compreender o conceito de *memória* e *memórias*. De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*:

Memória é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembranças, reminiscência”.

Memórias: “relatos que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”.

Diante desses conceitos, iremos trabalhar com o conceito de *memória*, pois você terá que se lembrar de experiências vividas no decorrer de sua trajetória de leitura em vários aspectos, na família, individual, coletiva, na escola, professores/as, fatos que marcaram sua história de leitura. E também, com *memórias*, uma vez que, teremos que ler relatos de outras pessoas, ou seja, textos de autores que falam de memórias literárias, você também produzirá um texto no qual irá relatar todas as suas experiências de memórias de leitura.

Todos nós temos momentos da vida para lembrar, tais como: uma festa, uma brincadeira, um livro, uma história que

alguém contou, um passeio, entre tantos outros. Nesse sentido, alguns são tão importantes que vale a pena serem registrados. Nesse caso, vocês irão registrar as memórias de leituras que foram construídas ao longo da trajetória de vida, desde a sua infância até a adolescência. Vejamos um trecho do livro “Velhos amigos”, de Ecléa Bosi:

De onde vêm as histórias? Elas estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permanece no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar. [...]

Quando um avô fica quietinho, com um olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor (BOSI, 2003, p. 13/15).

A partir desse fragmento, percebemos que temos uma história escondida, mesmo permanecendo lá no passado, é preciso resgatá-la e trazê-la para bem próximo de nós. Vocês irão descobrir as histórias de vida de vocês, histórias de leitura, iniciando na família, com pessoas mais velhas, pois elas têm muitas coisas para contar.

A partir de agora, você será o pesquisador, já que, terá que pesquisar no seu ambiente familiar, alguns possíveis objetos que estabeleçam relações com as práticas de leitura suas e de sua família e a sua história de leitor/a. O importante é que essas lembranças sejam fortes e significativas para você e, cada fato narrado, cada depoimento dessas pessoas constituirá um documento relevante da sua trajetória de leitor/a, então, fique atento e anote o maior número possível de informações durante as conversas.

Agora é o momento de puxar pela memória episódios de leitura que marcaram sua infância. Através do diálogo com a família, vá construindo sua história de leitura. Lembre-se que os documentos encontrados (livros, textos, fotografias, histórias que alguém contou) ajudam a compor as lembranças do passado e a construir suas memórias de leituras na infância, antes de entrar na escola. Outro fato relevante é observar se em sua casa havia prática de leitura em sua família, se há algumas histórias ou livros que eles liam para você.

Para constituir suas memórias, procure lembrar-se de fatos que foram marcantes, antes de você entrar na escola e depois de entrar na escola, se algum livro que leu não foi exigido pela escola ou algum que foi leitura obrigatória exigida pela escola e não teve interesse em lê-lo. Analise todas essas informações que você irá resgatar e trazê-las para as oficinas, e perceberá o quanto isso se tornará significativo para compor as memórias de leituras, suas e de seus colegas.

Outro aspecto importante é fazer o registro por escrito, de todas as informações que você for conseguindo resgatar durante suas conversas em casa com a família. O registro é muito significativo para aperfeiçoar o trabalho. Ele nos ajuda a não deixar nada esquecido, uma vez que todas as informações são de grande valia para a construção de sua história de leitor/a. Além disso, você irá entregar esse relato para a pesquisadora e lê-lo para os colegas. **(Entregar o relatório no 3º momento: “Resgatando Memórias”).**

3. Indícios do passado

O objetivo nesse momento é esclarecer sobre a importância de documentos que você ou seus pais (possivelmente) possam ter guardado em casa sobre suas primeiras experiências de leitura. É

interessante que cada fato descoberto, relato da família, objetos encontrados, sejam registrados, esses registros já constituem um documento e o início da construção de sua história como leitor, não se esqueça de descrever suas emoções e sentimentos em relação a esses objetos.

Lembre-se de que os objetos encontrados (livros, textos, fotografias, histórias que alguém contou, cadernos) ajudam a recuperar as lembranças do passado e a construir suas memórias de leituras anteriores à escola, ou seja, antes de você iniciar sua vida estudantil. No entanto, a atividade de rememoração vai se compondo à proporção que você vai pesquisando e buscando resgatar o passado por meio de objetos que faz você recordar sua trajetória de leitor/a.

Talvez você nunca tenha se preocupado e nem imagine que em sua casa possa ter algum objeto, guardado pela sua família, que possa ajudá-lo/a a construir sua memória de leitor/a. Qualquer que seja esse objeto, ele será significativo para aproximar você do passado. Pode ser um livro, um texto, uma fotografia, um caderno, diário, entre outros objetos, que foi guardado por alguém da sua família. Lembrando que as pessoas mais velhas são as principais fontes de memória. Não se esqueça, você é o pesquisador e é nesse momento de investigação, de busca, que irá resgatar sua trajetória de leitura, por meio de objetos ou documentos, que o passado e a memória vão sendo construídos.

Para finalizar essa etapa, quero ressaltar que é muito importante registrar o máximo possível do que se passou durante as conversas em casa com as pessoas da família. É fundamental você registrar por escrito tudo que eles e você encontrarem em relação aos objetos que servirão de suporte de suas memórias, pois, no **4ª momento da 1ª etapa**, irá trazer os objetos que conseguirem, e o texto escrito para apresentar aos colegas do grupo.

Como fazer para produzir esses documentos? Vamos a um exemplo. Irei apresentar-lhes um texto como exemplo de documento-suporte de memórias de leitura da autora Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira:

Eu tenho uma lamparina – sabe o que é uma lamparina? – que me lembra uma noite fria, na nossa casa que ainda não tinha energia elétrica, numa cidadezinha do interior de Goiás. Eu era bem criança, era o primeiro ano que eu ia à escola. Nessa noite, à luz dessa lamparina, minha mãe reuniu minhas duas irmãs mais velhas e eu – eu tinha mais três irmãos, também mais velhos; não sei por que nem eles nem meu pai participaram desse momento – em volta de uma mesa de madeira rústica, e leu para nós, um longo e emocionante trecho do livro *Meu pé de laranja-lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Era a história de um garotinho de mais ou menos 10 anos, narrada em primeira pessoa, de forma muito tocante.

Apesar do frio, a pequena chama da lamparina provocava algum calor, a presença da mãe e das irmãs também; o momento era aconchegante. Mas, as páginas, lidas emocionadamente pela minha mãe, eram tão tristes que eu, cabeça deitada sobre os braços apoiados na mesa, chorei umas boas lágrimas. Essa é uma lembrança que me aquece o coração e sei que muito do gosto pela leitura eu devo a minha mãe que sempre nos proporcionava momentos como esse. Não me lembro de minha mãe ter dito para eu ler esse livro, mas ele foi um dos primeiros livros que li, assim que tive o domínio da leitura. Essa lamparina passou muito tempo longe de mim, só muitos anos mais tarde, minha mãe já tinha morrido, eu já estava casada e com filhos, ao reencontrá-la, é que percebi o poder que ela tinha de me

suscitar tantas lembranças e emoções. Daí me interessou guardá-la.

Esse é um objeto que eu poderia nunca mais ter recuperado. E, para outras pessoas, as minhas irmãs, por exemplo, ele certamente produziria significados e memórias diferentes.

(OLIVEIRA, 2012, p. 250).

Uma lamparina que, nos dias de hoje, em meio a tanta tecnologia, provavelmente não será usada para produzir luz, iluminou as memórias da autora. Portanto, é de suma importância que você seja um/a pesquisador/a vigilante para encontrar os objetos que vão servir de suporte de suas memórias. Fique atento a cada detalhe!

Estrutura da Sequência Didática

Objetivos

- Valorizar a experiência dos/as alunos/as e do professor/a;
- Compreender o que é memória;
- Perceber como os objetos e documentos podem trazer lembranças do passado;
- Verificar que as memórias podem ser construídas coletivamente e individualmente;
- Observar a importância da família para a construção da memória;
- Perceber a importância do registro escrito;
- Planejar, produzir, reescrever, revisar e publicar relatos de leitura.
- Realizar análise linguística dos textos produzidos.

1ª Momento

Momento de combinar

- Explicar o principal objetivo das oficinas que é a construção da memória de leitura dos/as alunos/as e do/a professor/a de língua portuguesa;
- Organizar rodas de conversas, em que os/as alunos/as possam ouvir e narrar fatos conhecidos ou descrever experiências e acontecimentos de sua trajetória como leitores;
- As atividades desenvolvidas durante as oficinas – leitura e produção de textos, questionários, entre outras – serão organizadas de maneira que ajudem os participantes da pesquisa a construir suas memórias de leitura;
- As atividades serão dinamizadas de forma individual e coletiva;
- Os/as alunos/as pesquisarão a própria história de leitura e da história da família relacionada à leitura, por meio de objetos diversificados, e que esses objetos possam ajudá-los na recuperação da memória de leitura juntamente com a família;
- Discussões e leitura de textos variados sobre o gênero memórias;
- Elaboração de questionários para entrevistar os/as alunos/as, professor/a e a família dos/as alunos/as;
- Produção de texto do gênero relatos de memórias;
- Ler e discutir como os/as alunos/as e o/a professor/a o item 2 - **Percurso da pesquisa**, pedir que façam os registros por escrito durante as conversas em casa com os familiares;
- Entregar o questionário para os/as alunos/as e professor/a, para ser respondido e entregue no próximo encontro.
- Leitura do texto: **Memória de livros**.

Memória de livros

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivía com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

João Ubaldo Ribeiro. Um brasileiro em Berlim.

Rio de Janeiro: objetiva, 2011, PP. 106-107

Após a leitura do texto, fazer alguns questionamentos:

- Como vocês se sentiram ao ouvirem a história?
- Vocês já tinham ouvido lembranças semelhantes?
- Elas se parecem com alguma situação que vocês já vivenciaram?
- Existem acontecimentos marcantes na vida de vocês que mereçam ficar registrados para sempre na memória?

2º Momento

Trocando ideias

- Iniciar a oficina recolhendo os questionários que foram respondidos em casa pelos/as alunos/as e o/a professor/a com a ajuda da família, questionar a eles/as se encontraram dificuldade em responder o questionário, se a família realmente colaborou ou se eles responderam sozinhos;
- Conversar sobre a importância da investigação que eles estão fazendo junto com suas famílias sobre sua história de leitura, para recuperarem as lembranças de suas práticas de leituras;
- Enfatizar que a investigação é um recurso muito importante para que eles/as possam ampliar o repertório em relação às práticas de leituras no ambiente familiar. As pessoas mais velhas de sua casa são as principais fontes de memória; na verdade as mais enriquecedoras delas. Outro ponto importante, os relatos orais e escritos, serão o foco do trabalho durante a pesquisa;
- Após essa conversa, propor a seguinte dinâmica:
 - ✓ Organizarem-se em dupla para discutirem as seguintes questões: (entregar as questões escritas)
 1. Você gosta de relembrar fatos do passado?
 2. Você tem lembranças marcantes de sua infância, a respeito de leitura feita por sua mãe ou outra pessoa da família?

3. Seus pais contavam ou liam histórias para você?
4. Alguma vez já escreveu texto que falou de fatos acontecidos com você?
5. Você é capaz de se lembrar de algum livro com que tinha contato antes de entrar na escola?
6. Se conseguir lembrar, como teve acesso a esse livro, tem algum fato marcante sobre esse livro, quais são as emoções, sentimentos que tem em relação a esse momento?
7. Você conseguiu recuperar alguma prática de leitura da família, nas conversas em casa?

- Após as discussões em dupla, pedir que os participantes exponham para os demais a conversa que tiveram com o/a colega sobre suas lembranças;
- Pedir que os/as alunos/as registrem por escrito essa discussão de suas lembranças;
- Refletir sobre a importância da atividade coletiva, pois a lembrança de um ajuda a recuperar a lembrança do outro.

3º Momento

Resgatando memória

- Recolher o relatório de pesquisa que os/as alunos/as fizeram com a família;
- Ler, discutir e explicar o item 3 - **Indícios do passado**;
- Pedir aos alunos/as e o/a professor/a para investigarem em suas casas juntamente com as pessoas mais velhas, ou seja, pais, avós, tios, possíveis objetos que possam relacionar com

a prática de leitura sua e de sua família. Esses objetos servirão de documentos-suporte da memória. Durante a investigação, faça registro por escrito, pois esse(s) objeto(s) é/são elemento(s) significativo(s) para promover a aproximação com o passado e a construção de sua memória de leitor. No texto que você produzir durante a pesquisa, vai explicar por que escolheu esse(s) objeto(s) e qual a importância dele(s) para sua história de leitor/a.

- Leitura do texto, que fala sobre documento-suporte de memórias de leitura que também se encontra no item 3 – **Índices do passado**;
- Pedir para os/as alunos/as e o/a professor/a trazerem de casa o(s) objeto(s) encontrado(s) por ele/a e sua família durante sua pesquisa e que acham que foram importantes para a construção de memórias relacionadas à prática de leitura, e os relatos escritos que fizeram durante sua investigação, não esqueçam que a família é essencial para ajudá-los nessa pesquisa. Iremos utilizar esse(s) objeto(s) no nosso próximo encontro e também o texto que produziram.

4º momento

Mesa de exposição

Nesta etapa o(s) objeto(s) que os/as alunos/as trouxeram serão organizados em uma mesa para expor a todos/as da sala. Em seguida será realizada a seguinte dinâmica:

- Momento de sensibilização para a dinâmica dos objetos trazidos de casa pelos/as participantes da pesquisa;
- Montar uma mesa com os objetos e os documentos para apreciação de todos/as participantes;
- Pedir que observem os objetos expostos e reflitam por alguns minutos, se alguns deles, têm semelhança como outros e se o objeto do seu colega desperta em você alguma memória de leitura;
- Questionar com os/as alunos/as e o/a professoro/a se algum dos objetos que estão expostos, exceto o seu, traz alguma lembrança;
- Devolver os objetos para seus respectivos donos, para que eles possam apresentá-los a todos. Em seguida, cada um lê o texto que elaborou sobre o objeto.

SEGUNDA ETAPA

MARCAS TEMPORAIS – LEITOR/A CRIANÇA/ ESCOLAR/AUTÔNOMO

Nesta etapa, você já produziu previamente suas primeiras impressões memorialísticas, pois já foi colocado em situação de produção ao conversar com pessoas de sua família para fazer um relatório e também sobre o(s) objeto(s) encontrado(s). Assim, nesse momento de sua pesquisa você fará uma lista dos objetos encontrados e vai tentar dividi-los em duas etapas:

- 1ª etapa: objetos que estão relacionados a sua primeira experiência de leitura, ou seja, sua primeira infância;
- 2ª etapa: objetos que estão ligados a sua época estudantil, 1ª e 2ª fase do ensino fundamental.

Ao investigar esses objetos, procure relacioná-los com as diversas experiências e caminhos percorridos em sua trajetória como leitor/a. Importante também é fazer os registros das lembranças que vier a sua mente, estando relacionados com sua prática de leitor/a, não deixe de anotar todas as sensações, emoções, que essas lembranças trazem a você.

A partir desse momento você fará o seguinte:

- Divida sua pesquisa em duas etapas: uma individual e outra coletiva. Além dessa divisão você irá fazer outras etapas de

suma importância para essa pesquisa. Vai traçar uma trajetória das fases de leitura; leitor/a criança, leitor/a escolar e leitor/a autônomo;

- Cada uma dessas fases será traçada por você, colocando todas as suas impressões, como que era vista a leitura em cada uma dessas etapas. Deixando em evidência suas emoções, percepções, tanto familiar, quanto escolar e individual. Pois todo leitor tem (ou deveria) ter uma história de leitura, uma história marcada por lembranças de pessoas, personagens, sensações, lugares, situações e acontecimentos.

1º Momento

Atividade coletiva

- Antes de iniciar a atividade, ler o texto da segunda etapa para os participantes;
- Iniciar a oficina fazendo alguns questionamentos para os/as alunos/as e o/a professor/a;

Atividade oral e escrita

- a) Sua mãe e seu pai, os dois liam para você?
- b) Você ouviu história na sua infância?
- c) Quem contava essas histórias para você? Quais as sensações e sentimentos que ficaram guardados desse momento?
- d) Você é capaz de lembrar-se de algum livro a que tinha acesso na sua infância, nas conversas, em casa, foi capaz de resgatar alguma prática de leitura da família?

Além do diálogo oral acerca desses questionamentos, vocês também vão responder essas questões por escrito e comparar com o relatório que haviam feito anteriormente, ou seja, complementar o relatório. Enfatizei sobre a importância do discurso oral e coletivo para a construção da memória, pois um pode complementar as lembranças do outro. Ressaltei também que o passado e a memória estão sempre em construção. Após as análises entre o relatório e as questões, recolherei o relatório para arquivá-lo.

2º Momento

Vida estudantil – início da escolarização

O objetivo desse momento é rememorar o início da escolarização, a entrada do/a aluno/a na 1ª fase do Ensino Fundamental. Deixar em evidência a importância de cada etapa de escolarização para a prática de leitura de cada um/uma. Antes de iniciar a atividade, entregar uma cópia a cada aluno/a e fazer a leitura do texto da autora Professora Séfora Maria Farias, no qual ela relembra o primeiro dia de escola:

No meu primeiro dia na escola, ficou gravado em minha memória, o momento em que cheguei com meus pais e fui levada para a sala. Estava um alvoroço, tanta gente, adultos falando alto, crianças chorando. Eu entrei fui apresentada à professora. Era um colégio de freiras e a professora era Sr^a. Helena.

Meus pais foram embora, fiquei quieta, esquecida em um canto da sala, acho até que chorei, me senti perdida.

Com o tempo não me lembro do processo, mas lembro que me adaptei e guardei algumas passagens que considero pertinentes para o momento. Minha professora dividia a

turma em três colunas: duas filas no canto esquerdo da sala ficavam os alunos classe “C” (fracos), no meio os classe “A” (fortes) e no lado direito os alunos classe “B” (médios). Eu ficava mais na coluna da direita, isso ficou tão forte que só consegui me libertar na 8ª série.

Uma outra coisa que me ficou gravado, no final do dia nós fazíamos uma fila com a mão estendida para a professora e ela ia escrevendo um número na nossa mão, representando a nota do dia, para mostrar aos pais. Quando eu tirava nota baixa, fechava tanto as mãos, suava tanto que quando papai vinha me buscar o número estava quase apagado. Minha sorte era que meus pais não se ligavam nessa estratégia da irmã. Tinha um momento do dia em que a Sr.^a Helena; ia chamando aluno por aluno para ler a cartilha, até hoje me lembro perfeitamente como ela era. A professora pedia que disséssemos o alfabeto que estava impresso na contracapa da cartilha, para depois passar para as lições. Porém tem um fato que eu gostava muito, era na hora do recreio. A Irmã ia para o pátio, brincava de roda, de estátua, de bola, era uma farra, essa era a melhor hora do colégio, era tão boa que quando a gente passava para a 1ª série íamos brincar junto com a Irmã na turma da pré-escola.

Professora Séfora Maria Farias
Maceió-AL

Questões para debate

- Quando você entrou na escola, você lembra de algum professor/a que tenha chamado sua atenção e marcou sua vida como leitor/a?
- Sua entrada na escola tem alguma importância para sua história de leitura?

- c) Você tem alguma lembrança dos primeiros livros com que entrou em contato na escola?
- d) Depois que você aprendeu a ler, leu livros de literatura indicados pela escola ou por outras pessoas?
- e) Você gostava de conversar sobre os livros lidos? Havia momento na escola em que vocês comentavam os livros lidos? Como essa atividade era realizada na escola?
- f) Você comentava ou fazia anotações em agenda ou diário sobre as suas leituras literárias na primeira fase?
- g) Das leituras feitas na primeira fase, espontaneamente ou por indicação da escola, você gostava dos livros de qual gênero?
- h) Na primeira fase, você tinha aulas de leitura, onde essas aulas aconteciam e quantas vezes na semana?
- j) As professoras na primeira fase tiveram algum significado para sua história de leitor/a?
- l) Você tinha o hábito de frequentar a biblioteca da escola, nos seus primeiros anos de escola?

3º momento

Vamos falar de lembranças mais recentes. É o momento de você observar se ocorreram mudanças na sua relação com os livros.

- a) Que livros de literatura você leu, no período compreendido, mais ou menos, entre o 6º ano e o 8º ano? (Se souber o título e o autor, escreva ambos.) Algum deles foi indicado pela escola?
- b) Ainda com relação ao período entre o 6º ano e o 8º ano, se você fez leituras literárias sem a indicação da escola, como você chegou até elas?

- c) Das leituras literárias feitas no período entre o 6º ano e 8º ano, espontaneamente ou por indicação da escola, você gostava de qual gênero?
- d) Dessa relação de livros, qual(uais) o(s) que mais marcou (marcaram), positiva ou negativamente sua história de leitor/a? Por quê?
- e) Quais foram os últimos livros que você leu?
- f) Desses livros, qual foi/quais foram indicado (s) pela escola? (escreva os títulos)
- g) Você fez leitura integral de quais livros citados na questão da letra e?
- h) Atualmente você gosta de ler livros de literatura?
- i) Você vai sempre à biblioteca?
- j) Que valor você atribui à importância da leitura em sua vida?
- k) Você se lembra de livros que foram de leitura obrigatória para todos/as da sala, no período compreendido entre o 6º ano e 8º ano? Lembra-se como a leitura desse livro era trabalhada na sala de aula?
- l) Na sua trajetória como leitor/a, você considera os livros de leitura obrigatória ou os livros de leitura autônoma, quais você considera mais importante para a sua formação de leitor/a autônomo/a?
- m) Qual leitura você gosta mais de fazer: das leituras realizadas de forma autônoma ou das leituras que realiza de forma motivada pela escola? Por quê?
- n) Se você fosse escrever um livro sobre sua vida, como seria a capa e qual seria o título?

Para finalizar essa etapa da sequência didática, você fará reflexões individuais acerca de todos os momentos realizados: relatos

familiares, objetos constituídos como suporte de memória, questionários respondidos individuais e coletivos, leitura de textos, esses momentos construíram sua trajetória de leitor/a. Considere que até aqui você já fez um percurso de rememoração de suas histórias de leitura.

Lembrando que a memória é um evento construído social, individual e coletivamente. As próximas etapas serão de leitura e análises de textos de memórias literárias.

TERCEIRA ETAPA

DESVENDANDO OS TEXTOS DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

1º Momento

Leitura e discussão sobre os textos do gênero memórias literárias

Para iniciar essa etapa, os/as alunos/as irão ler textos diferentes do gênero textual memórias literárias, porém, todos os textos tratam de memória de leitura. A partir desses textos, vão observar e debater diferentes maneiras de escrita de memória, identificar e aprender a usar marcas linguísticas próprias da progressão e da articulação textual e esse será o momento da primeira escrita do relato memória de leitura feita pelos/as alunos/as, ou melhor, mais um texto que irão produzir sobre as memórias de leituras.

A dinâmica da atividade será articulada em dupla e oral. Entregar os textos para os/as alunos/as e pedir que cada dupla faça a leitura dos textos.

TEXTO I

Quando me perguntam, porém, como aprendi a ler, quais os métodos, quais as regras, não posso responder por que não guardo a menor lembrança. [...]

Desde pequenina eu era louca por narrativas, e toda quarta-feira chegava em casa o Tico-tico, revista infantil publi-

cada no Rio de Janeiro; eu a aguardava ansiosa e folheava para ver as figuras, até que um dos adultos tivesse um momento para ler-me as histórias. Pois um dia, ao olhar, na última página, os quadrinhos em que se pavoneavam o loiro Chiquinho, e o pretinho Benjamim, com o cachorro Jagunço, li o que estava embaixo de cada quadrinho! Muito espantada, corri para mamãe, que estava costurando à máquina, para quem fiz a extraordinária demonstração. Ela não conseguia acreditar; abriu outra página ao acaso e lá fui tropeçando nas sílabas, lendo enroladamente as palavras, mas lendo! E quando papai voltou do trabalho, à tarde, nova demonstração em páginas ainda desconhecidas. Sabia perfeitamente que esta descoberta deliciosa, que me livrara da espera dos adultos para conhecer o que estava escrito, era proveniente daqueles momentos longos e enfadonhos na sala de aula, ouvindo distraidamente ensinamentos que não me eram diretamente endereçados, ou então fazendo desajeitados rabiscos que a mestra olhava com desânimo. Por que magia tal acontecera? Mistério! Os dias passados na Caetano de Campos adquiriram então outro sentido, outro atrativo. Talvez proviesse do saber ler, esse achado mirabolante, a predileção que desenvolvia partir de então pelo brincar de escola, que eu propunha incansavelmente a irmãos e primos –os alunos, naturalmente! –, que em geral o repeliam com vigor.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

TEXTO II

Por parte de pai

Joaquim tinha uma letra bonita. Parecia com escrita fechada em livros de cartório antigo. Letra de certidão de nascimento, guardada em baú de lata em cima do armário. [...] Letra alta, tombada para a direita, quase deitada, mas sem

preguiça. Letra farta, cheia de dois efes, dois emes, dois pê. Meu avô nunca falou de grupo escolar, tabuada, ditado, leitura silenciosa, prova, castigo. Falava de um mestre-escola, de colete e gravata-borboleta.

Todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. A história do açúcar sumido durante a guerra, estava anotado.

As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página. Ele subia em cadeiras, trepava em escada, ajoelhava na mesa. Para cada notícia escolhia um canto. Conversa mais indecente, ele escrevia bem no alto. Era preciso ser grande para ler, ou aproveitar quando não tinha ninguém em casa. Caso de visita, ele anotava o dia, a hora, o assunto ou a falta de assunto. Nada ficava no esquecimento.

Enquanto ele escrevia, eu inventava histórias sobre cada pedaço da parede. A casa do meu avô foi meu primeiro livro. Até história de assombração, tinha.

Não, não era um livro só de horrores, a casa do meu avô. Contava caso de trapezista de circo desrespeitando moça assanhada de família; caso de virgem da pia união das filhas de Maria, apaixonado pelo padre missionário visitador da cidade, convertendo almas pecadoras.

História não faltava. Eu mesmo só parei de urinar na cama quando meu avô ameaçou escrever na parede. O medo me curou. Leitura era coisa séria e escrever, mais ainda. Escrever era não apagar nunca mais. O pior é que, depois de ler, ninguém mais esquece, se for coisa de interesse. Se não tem interesse, a gente perde ou joga fora.

Apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem [...]. Cada sílaba um carinho, um capricho, penetrando pelos olhos até o passado [...]. Tudo era possível para suas letras.

Bartolomeu Campos de Queiroz. Por parte de pai.
Belo Horizonte, 1995.

TEXTO III

Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos long-play, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obcecada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os li-

vros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente.

Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por que, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e ficou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru.

[...] Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos — a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na Ilíada. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre

nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloquente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula esta a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos —escritos ou orais — das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto-e-vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto-e-vírgula) e os trechos a decorar.

João Ubaldo ribeiro. Um brasileiro em Berlim.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Após a leitura dos textos pelas duplas, iremos discutir as seguintes questões oralmente:

1. Fale sobre a estratégia usada pela leitora/autora do **texto I**, para enfrentar a ansiedade enquanto esperava um adulto para ler o texto da revista infantil Tico-tico.
2. No **texto I**, há alguma parte que chamou mais sua atenção? Descreva-a.
3. No **texto II** o leitor/autor fala sobre seu primeiro livro. Qual foi o primeiro livro do leitor/autor e quem era o personagem principal?
4. O livro que o leitor/autor lia, do **texto II**, era só de assombração ou tinha outras histórias?
5. Encontre no **texto III** o trecho que situa o leitor no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam.
6. Comente o trecho do **texto III** de João Ubaldo Ribeiro:
“Toda a família sempre foi obcecada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita”.

7. Comente sobre o que você compreende sobre “*leitura compulsória e leitura livre*”, citada no **texto III**.
8. Durante a infância, na casa do leitor/autor do **texto III**, a leitura compulsória era realizada de que maneira?
9. Você é capaz de estabelecer algum aspecto em comum entre as lembranças desses três leitores/autores? Quais são esses aspectos?

2º Momento

Primeiras linhas

A produção de um texto voltado para o gênero relatos de memória tem como objetivo uma lembrança do passado, a busca de recordações, procurando lembrar pessoas e acontecimentos que foram importantes na vida do narrador. Nesse caso, lembrar fatos passados com sua prática de leitura, conforme foi trabalhado nas etapas anteriores.

Os relatos de memória trazem consigo um propósito sócio comunicativo de recuperar, num texto escrito de forma contemporânea, vivências de tempos mais distantes, relacionados a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores vivenciados por você enquanto narrador de suas próprias memórias de leituras.

É importante lembrar que em um relato de memória (memória de leitura) você é o/a narrador/a, a narrativa é em primeira pessoa. Você vai narrar sua própria história de leitura e, de certo modo, justaposta à história de outras pessoas, como da família, dos colegas, professor/as, enfatizar, mas você é a peça fundamental dessa narrativa, é o ator principal.

Outro ponto fundamental diz respeito ao fato de a narrativa de memória de leitura narrar história de vida. Outro aspecto importante é que essa teia narrativa deve apoiar-se no passado e nas lembranças que conseguiu construir. Vale ressaltar que você não está construindo uma trama puramente ficcional, e sim uma narrativa de sua própria história de leitura.

Para dar início nas primeiras linhas, você terá que retornar às etapas anteriores da pesquisa de sua história de leitor/a. No decorrer dessa trajetória, você já produziu textos referentes à memória de leitura, um relatório com a família e, outro sobre os objetos resgatados durante sua pesquisa e servem como documentos–suporte para sua memória de leitor/a.

A partir de agora você irá compor uma narrativa de memória de leitura, todo material pesquisado é de suma importância, esse material irá orientá-lo/a para produzir a narrativa com maior número de detalhes. É importante que retorne às etapas anteriores para observar os momentos nos quais houve uma divisão da trajetória de leitura, tais como: leitura na infância, ou seja, na família (anterior a escola), entrada para escola, 1ª fase e 2ª fase, e a importância da escola para sua formação leitora, leitor autônomo e leituras obrigatórias.

QUARTA ETAPA

ENTRELAÇANDO OS FIOS DA MEMÓRIA

1º Momento

Situar no tempo e no espaço

Nessa etapa, vamos observar nos textos que vocês produziram, em suas primeiras linhas, se foram capazes de recorrerem a aspectos importantes do gênero memorialístico e se os autores/as/narradores/as foram capazes de traçar no tempo a trajetória de leitura, anterior a escola e depois de entrarem para a escola; se destacaram nas experiências vividas, pessoas, lugares, livros que foram importantes para construir sua formação de leitor/as e sua história de leitura. Vamos analisar se vocês deixaram em evidências aspectos significativos como impressões, emoções e sensações que viveram na sua trajetória de leitor/as.

Para ampliar nossa capacidade de compreensão e análise sobre os sentidos do texto relato de memória, será de grande relevância uma releitura elucidando que existem alguns recursos, algumas maneiras de dizer, que tornam significativos e singulares os fatos narrados pelos autores. Assim, compreenderemos os efeitos de sentidos criados pelos aspectos linguísticos específicos dos textos e que os autores recorrem a diferentes recursos, tais como: figuras de linguagem, descrição de objetos, personagens, sentimentos, uso da linguagem para criar imagens, provocar sensações

e apontar detalhes ou características para narrar suas memórias. Outro aspecto significativo do autor de relatos de memória é o uso dos verbos para marcar o tempo passado, essa característica é essencial para o gênero.

2º Momento

Revisando o texto (coletivo)

Agora é um momento muito importante, até aqui você produziu três textos sobre memórias de leitura, ou seja, sobre a sua trajetória de leitura. Então é a hora de fazer a revisão e o aprimoramento dos textos produzidos nas oficinas anteriores, pois o produto final destas oficinas é um texto escrito por você. Lembrando mais uma vez que esse texto deve conter toda a sua história de leitura, ou melhor, tudo que conseguiu lembrar. É hora de observar o que está precisando ser melhorado, transformando esses textos em um único texto. E, o mais importante, você é o personagem principal dessa narrativa. Então é hora de rever alguns aspectos considerados significativos do gênero relatos de memórias.

Veja um roteiro para fazer a revisão e concluir a escrita do texto:

- O texto tem título, ele deve ser sugestivo e instigar o leitor;
- Os fatos são narrados em primeira pessoa;
- Você utilizou palavras e expressões que situam o leitor no tempo passado;
- Você descreveu os objetos antigos, pessoas da família que foram importantes para a sua formação leitora;
- Seu texto expressa sensações, emoções e sentimentos;

- Você acha que seu texto consegue envolver o leitor;
- Os verbos usados por você estão usados corretamente (tempos verbais apropriados);
- Observe se as palavras estão escritas corretamente.

Após esta revisão coletiva, cada um de vocês deve retomar o texto e revisá-lo, acrescentando o que ainda falta para concluí-lo, é o momento de rabiscarem, apagarem, trocarem uma palavra por outra, façam o que for necessário para que o seu texto fique excelente.

Ao final, deverão passar o texto a limpo. Nesta etapa da produção final, é necessário vocês colocarem em prática os conhecimentos adquiridos durante todas as etapas das oficinas.

Observe se existem sentimentos verdadeiros e emoções no texto. Ele tem muito de você, pois você é o autor e, além do mais, guarda um pouco de sua história de vida e da história de seus familiares.

Espero que através desta experiência vocês se sintam motivados a continuarem lendo os mais diferentes gêneros textuais e escrevendo suas próprias memórias, assim como as memórias de sua família e também outros gêneros textuais.

3º Momento

Leitura do texto Felicidade Clandestina

- Distribuir uma cópia do texto “Felicidade Clandestina” a cada aluno;
- Leitura coletiva do conto;
- Após a leitura, levantar as impressões do grupo a partir de questionamentos;
- Questionar sobre as sensações que tiveram ao ler o texto;

- Pedir também que identifiquem, no texto, as informações e opiniões que trazem.
- Organizar a discussão de maneira que todos possam opinar e exprimir opiniões e sensações.

TEXTO

Felicidade Clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, infor-

mou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela

me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra. Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada.

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Felicidade clandestina: contos / Clarice Lispector.
Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Sugestão de questões:

- Do que trata o texto?
- Quais as características das personagens?
- Em que são diferentes?
- Como, no texto, a autora mostra as diferenças entre as personagens?
- Como, no texto, a autora mostra o ódio e a crueldade?
- Como a autora descreve o êxtase da personagem ao ter o livro?

- Como a autora nos mostra o amor intenso da personagem pelo livro?
- Você consegue lembrar-se de algum livro que sentiu muita vontade de ler?
- Conseguiu ler esse livro?
- O texto faz você lembrar-se de algum momento parecido, como esse da narradora?

QUINTA ETAPA

CIRCULAÇÃO DO TEXTO

Ao concluir as oficinas, os textos produzidos pelos/as alunos/as e a professora tiveram como destino final a produção desse livro “Memórias de leitura”, o mesmo foi lançado na escola campo com a realização de um evento que permitiu um envolvimento da comunidade escolar e das famílias. Foi um momento em que os/as participantes da pesquisa se sentiram recompensados, além de receber um exemplar, puderam autografar os livros aos participantes do evento.

O FIM DA VIAGEM OU COMEÇO DE NOVAS POSSIBILIDADES

Estou caminhando para o final dessa viagem pelo túnel da memória de leitura. Isso não significa que as possibilidades de caminhar tenham se esgotado, mas sim que é chegado o momento de colocar um ponto final, mesmo que provisório, é necessário ser colocado. É um momento bastante difícil de redigir essas considerações. Confesso que no início da jornada, encontrei muitas dificuldades. Eu, que jamais imaginei me encontrar envolvida com qualquer tipo de pesquisa, me vi engajada nos modos de fazer pesquisa no campo do cotidiano, que se mostrou distinto de tudo que concebia sobre a pesquisa acadêmica.

Quando me propus a pesquisar sobre memórias de leitura, jamais imaginava que seria uma jornada tão encantadora e emocionante. Estar ali, na sala de aula, ouvindo (e sendo ouvida) experiências leitoras de cada um dos/as participantes me fez perceber que trabalhar com memória é resgatar as mais doces – e, muitas vezes as mais doídas - lembranças de um passado remoto. De acordo com Guedes-Pinto, Gomes e Silva (2008, p. 22) “trabalhar com o processo rememorativo implica a atividades de narrar, uma atividade que

não é linear, visto que, por meio dela, os sujeitos podem reelaborar suas vivências, propor alternativas, possibilidades”.

Este livro foi sendo concebido com uma multiplicidade de vozes e de histórias, que fui colhendo ao longo dos encontros em sala de aula, as teias desse emaranhado foram sendo tecidas dia após dia. Tenho certeza de que um pouco de cada um ficou nas linhas que aqui estão, carregadas de sentimentos e emoções.

Os protagonistas desse livro são alunos/as do 9º ano e a professora de língua portuguesa da Escola Agrícola Comendador João Marchesi, que tão gentilmente se dispuseram a fazer parte dessas histórias e (re)construírem suas memórias de leitura. Deixando aqui registrada a composição da formação do leitor por meio da construção de memória. E o resultado não poderia ser outro, textos narrativos contando um percurso de leitura por meio dos discursos ora individual ora coletivo, por meio dos quais os/as participantes da pesquisa foram se constituindo leitores e escritores de suas próprias memórias. Segundo Petit (2010, p. 292), “a literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção”. Dar voz, ouvir e prestar atenção a esses participantes foi o que me propus a fazer no percurso dessa investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontros & interações*. São Paulo: Parábola, Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOSI, Ecléa. *Ao alcance da mão. In: Velhos amigos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DIJK, T. A. Van. *Some aspects of text grammars*. Paris: The Hague, 1972.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (Orgs.). *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Tradução e organização de Roxane

Rajo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

FARIAS, Séfora Maria. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Coletânea de Textos. Módulo I. Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <file:///D:/COMPARTIMENTOS%20BIOS/AQUISI%C3%87%C3%83O%20E%20DESENVOLVIMENTO%20DA%20LINGUAGEM/PROFA%20COLETANEA%20DE%20TEXTOS.pdf>. Acessado em: 18/10/2019.

GEUDES-PINTO, Ana Lúcia, GOMES, Geisa Genaro e SILVA, Leila Cristina Borges da. *Memórias de leitura e formação de professores*. 1ª Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. **Memória de leitores: uma história construída na trama dos discursos escolares**. 2012. 244 F. Tese (Doutorado em letras e linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2456/1/ILSE%20LEONE%20BORGES%20CHAVES%20DE%20OLIVEIRA.pdf>. Acessado em: 20/10/2019.

PASSARELLI, Lílían Maria Ghiuro. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. 1ª ed. São Paulo: Teles, 2012.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à diversidade*. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. Ed. 2ª. São Paulo: Ed. 34, 2009.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Texto extraído de: Maria Cândida Delgado Reis. Fragmentos da instrução pública no Estado de São Paulo. São Paulo, 1994. Disponível em: <http://blogdeteste-blogdapiencia.blogspot.com/2012/05/exemplos-de-textos-de-memoria.html>. Acessado em: 18/10/2019.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: objetiva, 2011.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

Se bem me lembro...: *Caderno de do professor*: Orientação para a produção de textos. São Paulo: Cenpec. Coleção da Olimpíada.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVAGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina e MACHADO, Maria Zélia Verisiana (orgs.) *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

